

fato e razão

Conselho Diretor Nacional
Cláudia Aparecida e Eduardo F.Firmiano
Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
Vilma e Roseneo Olizete Jorge

Editoria e Redação
Arlete e João Borges
Camila e Kleber
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Marly e Jose Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Raquel e Ronaldo
Terezinha e Osmaro Homem de C. Campos

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
cep 36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 18:00h
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão Gráfica Santa Rita
Rua N. Sra. de Lourdes, 425 36070-450 -
Juiz de Fora - MG
Telefone: (32)3215-7060

orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação Anderson Nogueira -
amarartesvisuais@gmail.com
e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO

Se deixada livre criança comerá
 algo que gosta até passar mal — 26

FAMÍLIA

Casal moderno, amor e independência. Por que 1+1=3? — 11

FILOSOFIA

O gosto do amor — 20

MEIO AMBIENTE

Nós somos a terra — 50

PERSONALIDADES

D.Paulo Evaristo, mestre, intelectual
 refinado e amigo dos pobres — 15

Homenagem a Antônio Allgayer — 28

Despedida de Jayme Sampaio — 30

Obrigado Darcy — 52

POLÍTICA

Os sem razão — 22

Recessão democrática à brasileira — 24

A ficção da neutralidade e poder
 moderador — 37

Menos estado de bem estar social
 leva a mais Estado penitenciário — 48

Planejar é preciso — 54

Por uma reforma política efetiva — 56

RELIGIÃO

A árvore da vida...sábua consciência — 8

Construir pontes ou muros? — 13

De que vale um rito sem amor? — 17

A parábola do Bom Samaritano — 40

Plano Nacional de Formação:
 A manifestação de Deus por meio
 do amor humano — 62

SOCIEDADE

Momentos de reflexão — 31

O grave momento nacional — 4

A realidade que a grande mídia
 tentou esconder e distorcer — 33

Da relação entre vida social, ética e
 cultura cidadã — 46

Pressão — 61

TECNOLOGIA

As ameaças dos novos meios
 de comunicação exigem novas
 estratégias de evangelização — 42

Brasil precisa entender a China atual — 44

Tela cheia, cérebros vazios — 58

O GRAVE MOMENTO NACIONAL



“Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6,33)

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil–CNBB, por ocasião de sua 55ª Assembleia Geral, reunida em Aparecida-SP, de 26 de abril a 5 de maio de 2017, sente-se no dever de, mais uma vez, apresentar à sociedade brasileira suas reflexões e apreensões diante da delicada conjuntura política, econômica e social pela qual vem passando o Brasil. Não compete à Igreja apresentar soluções técnicas para os graves problemas vividos pelo País, mas oferecer ao povo brasileiro a luz do Evangelho para a edificação de “uma sociedade à medida do homem, da sua dignidade, da sua vocação” (Bento XVI - Caritas in Veritate, 9).

O que está acontecendo com o Brasil? Um País perplexo diante de agentes públicos e privados que ig-

noram a ética e abrem mão dos princípios morais, base indispensável de uma nação que se queira justa e fraterna. O desprezo da ética leva a uma relação promíscua entre interesses públicos e privados, razão primeira dos escândalos da corrupção. Urge, portanto, retomar o caminho da ética como condição indispensável para que o Brasil reconstrua seu tecido social. Só assim a sociedade terá condições de lutar contra seus males mais evidentes: violência contra a pessoa e a vida, contra a família, tráfico de drogas e outros negócios ilícitos, excessos no uso da força policial, corrupção, sonegação fiscal, malversação dos bens públicos, abuso do poder econômico e político, poder discricionário dos meios de comunicação social, crimes ambientais (cf. Documentos da CNBB 50–Ética, Pessoa e Sociedade – n. 130)



O Estado democrático de direito, reconquistado com intensa participação popular após o regime de exceção, corre riscos na medida em que crescem o descrédito e o desencanto com a política e com os Poderes da República cuja prática tem demonstrado enorme distanciamento das aspirações de grande parte da população. É preciso construir uma democracia verdadeiramente participativa. Dessa forma se poderá superar o fisiologismo político que leva a barganhas sem escrúpulos, com graves consequências para o bem do povo brasileiro.

É sempre mais necessária uma profunda reforma do sistema político brasileiro. Com o exercício desfigurado e desacreditado da política, vem a tentação de ignorar os políticos e os governantes, permitindo-lhes decidir os destinos do Brasil a seu bel prazer. Desconsiderar os partidos e desinteressar-se da política favorece a ascensão de “salvadores da pátria” e o surgimento de regimes autocráticos. Aos políticos não é lícito exercer a política de outra forma que não seja para a construção do bem comum. Daí, a necessidade de se abandonar a velha prática do “toma lá, dá cá” como moeda de troca para atender a interesses privados em prejuízo dos interesses públicos.

Intimamente unida à política, a economia globalizada tem sido um verdadeiro suplício para a maioria da população brasileira, uma vez que dá primazia ao mercado, em

detrimento da pessoa humana e ao capital em detrimento do trabalho, quando deveria ser o contrário. Essa economia mata e revela que a raiz da crise é antropológica, por negar a primazia do ser humano sobre o capital (cf. *EvangeliiGaudium*, 53-57). Em nome da retomada do desenvolvimento, não é justo submeter o Estado ao mercado. Quando é o mercado que governa, o Estado torna-se fraco e acaba submetido a uma perversa lógica financista. Recorde-se, com o Papa Francisco, que “o dinheiro é para servir e não para governar” (*EvangeliiGaudium* 58).

O desenvolvimento social, critério de legitimação de políticas econômicas, requer políticas públicas que atendam à população, especialmente a que se encontra em situação vulnerável. A insuficiência dessas políticas está entre as causas da exclusão e da violência, que atingem milhões de brasileiros. São catalisadores de violência: a impunidade; os crescentes conflitos na cidade e no campo; o desemprego; a desigualdade social; a desconstrução dos direitos de comunidades tradicionais; a falta de reconhecimento e demarcação dos territórios indígenas e quilombolas; a degradação ambiental; a criminalização de movimentos sociais e populares; a situação deplorável do sistema carcerário. É preocupante, também, a falta de perspectivas de futuro para os jovens. Igualmente desafiador é o crime organizado, presente em diversos âmbitos da sociedade.

Nas cidades, atos de violência



espalham terror, vitimam as pessoas e causam danos ao patrimônio público e privado. Ocorridos recentemente, o massacre de trabalhadores rurais no município de Colniza, no Mato Grosso, e o ataque ao povo indígena Gamela, em Viana, no Maranhão, são barbáries que vitimaram os mais pobres. Essas ocorrências exigem imediatas providências das autoridades competentes na apuração e punição dos responsáveis.

No esforço de superação do grave momento atual, são necessárias reformas, que se legitimam quando obedecem à lógica do diálogo com toda a sociedade, com vistas ao bem comum. Do Judiciário, a quem compete garantir o direito e a justiça para todos, espera-se atuação independente e autônoma, no estrito cumprimento da lei. Da Mídia espera-se que seja livre, plural e independente, para que se coloque a serviço da verdade.

Não há futuro para uma sociedade na qual se dissolve a verdadeira fraternidade. Por isso, urge a construção de um projeto viável de nação justa, solidária e fraterna. “É necessário procurar uma saída para a sufocante disputa entre a tese neoliberal e a neoestatista (...). A mera atualização de velhas categorias de pensamentos, ou o recurso a sofisticadas técnicas de decisões coletivas, não é suficiente. É necessário buscar caminhos novos inspirados na mensagem de Cristo” (Papa

Francisco – Sessão Plenária da Pontifícia Academia das Ciências Sociais – 24 de abril de 2017).

O povo brasileiro tem coragem, fé e esperança. Está em suas mãos defender a dignidade e a liberdade, promover uma cultura de paz para todos, lutar pela justiça e pela causa dos oprimidos e fazer do Brasil uma nação respeitada.

A CNBB está sempre à disposição para colaborar na busca de soluções para o grave momento que vivemos e conclama os católicos e as pessoas de boa vontade a participarem, consciente e ativamente, na construção do Brasil que queremos.

No Ano Nacional Mariano, confiamos o povo brasileiro, com suas angústias, anseios e esperanças, ao coração de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. Deus nos abençoe!

Aparecida - SP, 3 de maio de 2017.

Cardeal Sergio da Rocha

Arcebispo de Brasília
Presidente da CNBB

Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, SCJ

Arcebispo de São Salvador da Bahia
Vice-Presidente da CNBB

Dom Leonardo Ulrich Steiner

Bispo Auxiliar de Brasília
Secretário-Geral da CNBB

Cada família do MFC

**1 assinatura
POR ANO!**

Este é um compromisso do MFC com a
conscientização e evangelizaçãodas famílias
ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço
de um filho, amigo ou parente,
compadre, afilhado, colega
vizinho, aluno, freguês...
com um cheque nominal,
cruzado ao MFC ou efetue
depósito na conta 27249-3,
agência 3139-9 do Banco do
Brasil e remeta os dados pelo
E-mail da Revista.

Assinatura anual: **R\$ 32,00**

UMA ASSINATURA DE

**fato
&
razão**

**Tel: (32)3214-2952
das 13 às 18 horas**

**Distribuidora Fato e Razão
Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520**

*Eu o conduzirei para o
deserto e lhe falarei
ao coração.*

Os 2,16



fato
& razão

7

A ÁRVORE DA VIDA...

A ÁRVORE, UM SÍMBOLO DOS POVOS

No universo cultural dos povos, a árvore é a simbolização da vida em contínua renovação. E que a árvore cresce em direção ao alto. Sua verticalidade está a lembrar que o sujeito humano vive mesmo é de pé e buscando as coisas do alto.

Esta luz do céu se torna energia e calor na escuridão onde as raízes se adensam. A árvore, por crescer, instiga evocações sobre a vida que se regenera e se robustece. No alto, as folhas nutrem seu tronco gerador; filhas que passam a ser mãe, vivificando a seiva circulante.

Os galhos ampliam a acolhida, sempre atraídos pela luz e sabendo dar sombra. Nos galhos que o vento balança, quantos sonhos dependurados pelos caminhantes que olham, apreciam a nobreza, a sombra e, por vezes, as flores, os frutos.

Situada na superfície através do tronco e ramificações, é no subterrâneo que a árvore deita raízes, aí onde rastejam répteis e transitam térmitas, enquanto os pássaros se aninham nos galhos e neles (re)pousam, cantantes.

A água circula na seiva, cooperando com a terra matriz do enraizamento e nutrição. O ar sustenta as folhas sussurrantes, que cuidam da seiva, a que corre, escorre num



vai-e-vem incessante. E galho contra galho, pela fricção provocada pelo homem, criam o fogo. Eis os quatro elementos do universo sintetizados na árvore.

Por tudo isso, e algo mais, a árvore é símbolo das relações que se estabelecem entre o céu e a terra. Prevalece, então, o sentido da árvore não só como elo de ligação, mas sobretudo como centro, eixo para a integração da vida.

Porque ascensão, crescimento e maturação se bem enraizada. Air! As pessoas firmes e audazes. É gente bem plantada. Admirável: a planta dos pés da árvore que caminha diz o que somos: nosso destino e nossa obra.

Cada cultura tem sua árvore-símbolo, representação majestosa da identidade de um povo. Há, assim, árvores sagradas. O carvalho para o povo Celta.

O cedro do Líbano. A oliveira para o Oriente islâmico e cristão. A tília para os povos germânicos. E há ainda o pinheiro, a acácia, a amendoeira, a figueira. E no Japão, a cerejeira.



... (SÁBIA CONSCIÊNCIA)

SAKURA

A eclosão desta palavra - Sakura - diz da floração das cerejeiras, marcando o fim do inverno e desencadeando um período febril. Um mar de flores se espalha por todo o país. De ilha a ilha, até o continente. A Sakura incendeia a sensibilidade japonesa, estrutura uma fase do ano, uma parte da vida. O fim de muita coisa. E tudo principia. Tempo de olhar para trás e mirar adiante contemplando a floração. Fase intensa de beberagem e festejos. E de projetos para um tempo novo. Na mídia publica-se ao longo do dia uma tabela mostrando a percentagem de floração e o tempo de fenecimento.

Aqui, diversamente de outras culturas, a árvore sublinha outra dinâmica da vida: essa beleza, em jubilação ante a cerejeira em flor, é algo efêmero que urge os recomeços. Um índice de um país tão veloz e mutante. A vida em sua vertente fugaz.

A ÁRVORE DA CRUZ

Já na tradição e no imaginário cristão, a árvore é símbolo da tessitura múltipla da vida, representação ma-

jestosa de nosso ser em sua identidade criada e redimida. Árvore, convite misterioso e constante para a integração do Ser. A Árvore da Vida no centro do paraíso (Éden) e a Árvore da Cruz no centro de um monte (Calvário), recriando o eixo do mundo.

Uma Cruz, qual árvore frondosa, eis um símbolo forte da vida espiritual nossa: robustez e direção. Vigor e subida. Enraizamento e purificação. Integração: dom e tarefa.

VIDA ESPIRITUAL: CUIDAR DA ÁRVORE QUE SOMOS

A vida espiritual diz do cuidar (cultivar) da árvore da vida que somos nós. No meio da praça da cidade e de ambos os lados do rio encontra-se a árvore da vida que dá fruto doze vezes, um fruto cada mês; e suas folhas servem para as nações. (Ap 22,2).

Pois assim é. Uma das etapas de nossa mística cristã é sermos a árvore em que Cristo enxertou sua potência redentora para darmos frutos. Redimidos somos como árvore plantada à beira de um regato, que dá fruto no devido tempo e cuja folhagem não seca. (Sl 1,3).

Fomos plantados como árvore de vida desde que as águas batismais delinearam nossa vocação de livres e fiéis em Cristo: produzir nos caminhos do mundo, às vezes à margem, os frutos do Espírito, na medida em que crescemos para O Senhor Deus da Vida.



A fase inicial e persistente: procurar Deus. Crescermos para a convivência na floresta dos relacionamentos, reconciliados e fraternos: a procura do próximo. Crescermos para, através do “cuidar de si”, dar a resposta criativa ao que fomos chamados a ser: a procura de nosso eu verdadeiro, o interior nosso, onde está a SEMENTE DA VOCAÇÃO PESSOAL.

Vida segundo o Espírito. Há um escritor irlandês, John O. Donohut, que retoma a tradição celta da árvore, símbolo da integração necessária que o sujeito humano deve realizar. Escreve que, contemplando-a, nos damos conta de que a escuridão das raízes é o berço do crescimento. E, no entanto, temos medo de ver as escuridões de nossas profundezas. Deste medo germinam os disfarces e as defesas ante a vida. É-nos indispensável a integração de nossas zonas obscuras e de nossas sombras.

Porque somos “árvore de vida” e porque Jesus enxertou em nós a potência purificante e regeneradora da seiva divina, é tarefa nossa evangelizar nossas profundezas cuidando das raízes, assumindo podas e perdas, lidando com o claro-escuro do viver. Haverá raízes saudáveis se o enraizamento ocorre no terreno propício: nada nos arranque do solo do amor e da verdade.

Nossas raízes! Primeiro a herança de nossos antepassados e, a seguir, a herança familiar; haja purificação. Depois, no concreto pessoal, a questão de escolher onde e como nos enraizamos, a que nos vincula-

mos a fim da vida dar certo e alcançar sentido bom de viver.

No processo de enraizamento, moram as pulsões e tendências fragmentárias; nele residem memórias envenenadas, amargas lembranças. É tarefa nossa unificar e resgatar, libertar o potencial de crescimento: as forças da vida em busca da luz, como a árvore saindo da escuridão das raízes.

Contemple a árvore e dela receba a lição. Reassuma seu lado agricultor. Cultive-se. Saiba buscar luz e força. Peça a luz que vem do alto. Nos campos do Senhor vivemos pela sabedoria “uma árvore de vida para quem a alcança, e quem a abraça é feliz.” (Prov. 3,18; 11,30). Então será bom, cantar com o Eclesiástico (24,12ss.):

- lancei raízes no meio de um povo generoso;
- elevei-me como o cedro do Líbano;
- cresci como a palmeira e como um canteiro de rosas;
- cresci como álamo nos caminhos à beira d’água;
- exalo perfume de canela e bálsamo perfumado;
- como um terebinto, estendi meus ramos e meus galhos majestosos e belos;
- como videira, produzi rebentos graciosos e minhas flores são frutos de glória e riqueza;

SACIAI-VOS DE MEUS FRUTOS.

N.B. Tem gente que da própria árvore jaz lenha.

*Pe. Dalton Barros de Almeida,
C.Ss.R. Juiz de Fora, MG*

Casal moderno, amor e independência.

Por que $1+1=3$?

Deonira L. Viganó La Rosa

Ah, eis a grande questão. Alguns são tentados a dizer que esta é uma expressão tão conhecida que não tem mais necessidade de ser colocada... Mas, quem ouve depoimentos de casais de noivos em grupos de preparação ao casamento, ou mesmo casais de qualquer idade, sabe que esta questão está sempre viva, promovendo ou barrando o crescimento do casal e das partes que o compõem.

Para os desavisados, para os que não compreendem esta soma de 1 mais 1 resultar 3, vejamos o que ela quer dizer: Tu + Eu deve ser igual a Nós + Tu + Eu. Em outras palavras, se estar junto exige criar uma nova unidade “o casal”, em hipótese alguma isto significa o desaparecimento ou enfraquecimento das duas unidades de partida: Eu e Tu.

Fácil? Evidente? Tu o dizes! Entretanto, na verdade do dia a dia, todo mundo se enrosca nos fios desta questão. Sobretudo modernamente, quando as mulheres estão se tornando mais independentes e profissionais.

A fecundidade dos cônjuges



consiste, antes de tudo, em dar à luz o NÓS – o Eu Conjugal

O NÓS é composto pelos projetos comuns do casal. Consiste em atualizar e fazer frutificar todas as potencialidades do casal como Comunidade. Consiste em trabalhar tudo o que é bom para os dois, para a vida comum. Isto exige renúncia da parte do Eu e do Tu.

Mas atenção, renúncia individual só tem sentido quando ela produz o bem e o crescimento dos dois. A renúncia não pode violentar os limites de cada um. A renúncia imediata tem em vista o melhor para os dois a longo prazo.

Se o EU e o TU não permanecerem o que são, buscando crescimento e mantendo seus projetos pessoais, seus desejos e sua vida particular, o Nós não tem chance de nascer e menos ainda de crescer. É fundamental que cada um invista em sua individualidade, tenha um núcleo de prazeres outros, que não sejam meramente provindos do companheiro ou companheira. Um Eu e um Tu que amadurecem sempre, são uma ótima matéria prima para a existência de um Nós saudável e fecundo.

Não podemos confundir individualidade com individualismo que é a característica particular do mundo de hoje. Individualista é aquele que potencializa o que serve a seu Eu, abafando qualquer potencialidade que possa estar a serviço do outro, do Tu, do bem comum, dos filhos, da sociedade.

Na verdade, o casamento expande e ao mesmo tempo limita a nossa vida pessoal. Há que pesar prós e contras, e permitir que a expansão sempre supere a limitação. Para isto e preciso ter vocação. Há os que preferem a solteirice.

PROXIMIDADE E DISTANCIAMENTO

Há uma queixa recorrente, principalmente por parte dos homens: “Sinto-me sufocado, ela quer estar junto o tempo todo, falando muito, não concedendo intervalos entre programas. Quero e preciso estar só, quieto”.

Proximidade demais enjoa, po-

de levar a outra parte a desejar alguém fora do casamento que a deixe mais livre.

Distanciamento demais também pode fazer com que a outra parte procure alguém de fora que lhe dê mais presença, mais companhia, mais colo.

Cada pessoa tem seu grau de exigência em proximidade e distanciamento. É preciso descobrir quanto o seu companheiro, a sua companheira, precisa de solidão, de distanciamento, de privacidade e quanto precisa de proximidade, de colo, de presença – e respeitar. Procurar modificar-se quando se está ferindo a individualidade do outro ou a comunidade marital. Exige um jogo de cintura permanente.

Respeito à privacidade, ao espaço pessoal de cada um, é fundamental para que o casamento funcione. Controlar o outro, exigir que esteja sempre grudado, querer que faça todos os programas junto, cobrar quando está silencioso ou vai praticar esporte ... ao shopping, ao cabeleireiro, à leitura silenciosa ...

Ou, ao contrário, querer muitos programas em separado ...

Tudo isto significa a incapacidade de resolver a difícil e eterna questão posta no início: $1+1=3$.

Deonira L. Viganó La Rosa
Terapeuta de Casal e de Família.
Mestre em Psicologia.

Construir pontes ou muros?

Dom Gil Antônio Moreira*

Na busca de solução de nossos problemas, somos tentados a procurar alternativas, nem sempre ideais. Muitas vezes, é difícil

decidir. Os muros continuam sendo usados, tendo na história uma série de exemplares. Por motivos diversos, existem muralhas na China, o Muro das Lamentações em Jerusalém, o Muro de Berlim que ajudei a derrubar em 1990, quando estudava em Roma. Tenho comigo algumas pequenas partes do referido muro, que utilizei para fazer um crucifixo coroado com arame farpado, pedaço que pude obter daquele enorme rolo que corria sobre a muralha para dificultar ainda mais a comunicação entre os regimes comunista, ao leste, e democracia capitalista a oeste. A razão do crucifixo foi perpetuar a memória da desilusão da história socialista ateia, ao lado de uma democracia capitalista selvagem, que constituem ameaças à liberdade e à dignidade humanas. Cristo continua padecendo a morte em pleno século XX e XXI, sofrendo na carne as opções dos homens que teimam em buscar soluções, muitas vezes equivocadas. Graças a Deus, aquele muro foi posto abaixo depois de derrotas de sistemas totalitários em várias partes do mundo.

Na verdade, as filosofias sociológicas do século XIX, com certas afirmações empolgantes, não conseguiram provar sua eficácia na prática. Contudo, a questão não está fechada. A busca de solução é um apelo constante na história humana. Os regimes políticos andam em crise por todos os lados. Lamentavelmente, se apela para outros muros hoje em dia, como o dos Estados Unidos em relação ao México e o de Israel com a comunidade Palestina.

O Papa Francisco tem falado em pontes como instrumentos muito mais eficientes que os muros. Há poucos dias, disse: “Todos os muros caem. Não nos devemos enganar. Continuemos a trabalhar para construir pontes entre os povos. Pontes que nos permitam derrubar os muros da exclusão e da exploração. Enfrentemos o terror com amor.”

Num mundo onde o fenômeno terrível de migrações em massa tem assustado a humanidade inteira, e onde a violência e o terror ameaçam a paz, é preciso uma resposta corajosa, mas que diminua as tensões e não que acirre os ânimos. Francisco lamenta-se pelo crescimento da xenofobia e da

intolerância e as classifica como resultado do medo. Em sua sabedoria natural, e sua espiritualidade luminosa, o Sucessor de Pedro ensina: “A misericórdia não é fácil. Ela requer coragem.”

Para alento de todos, recorda que Jesus nos disse: “Não tenham medo”. “A misericórdia, afirma o Papa, é muito mais eficaz que os antidepressivos, ansiolíticos, os muros, as redes, os alarmes e as armas. E é grátis. É um dom de Deus!”

Estas palavras do Sucessor de Pedro são necessárias ao mundo de hoje. Todos as podem escutar e acolhê-las, independente de religião, de raça e de posições políticas. Elas são carregadas de sabedoria que vem do alto e podem nos conduzir a novos caminhos que nos levarão à paz.

Que vença a força da misericórdia.

**Dom Gil Antônio Moreira é Arcebispo
Metropolitano de Juiz de Fora*

Transcrito da Folha Missionária

OS POLÍTICOS E AS FRALDAS



“O florista foi ao barbeiro para cortar seu cabelo.

Após o corte, perguntou ao barbeiro o valor do serviço e o barbeiro respondeu:

– Não posso aceitar seu dinheiro porque estou prestando serviço comunitário esta semana. O florista ficou feliz e foi embora.

No dia seguinte, ao abrir a barbearia, havia um buquê com uma dúzia de rosas na porta e uma nota de agradecimento do florista.

Mais tarde, no mesmo dia, veio um padeiro para cortar o cabelo. Após o corte, quando o homem tencionou pagar, o barbeiro disse:

– Não posso aceitar seu dinheiro porque estou prestando serviço comunitário esta semana. O padeiro ficou feliz e foi embora.

No dia seguinte, ao abrir a barbearia, havia um cesto com pães e doces na porta e uma nota de agradecimento do padeiro.

Naquele segundo dia, veio um deputado para um corte de cabelo.

Quando o deputado-freguês foi pagar, o barbeiro disse:

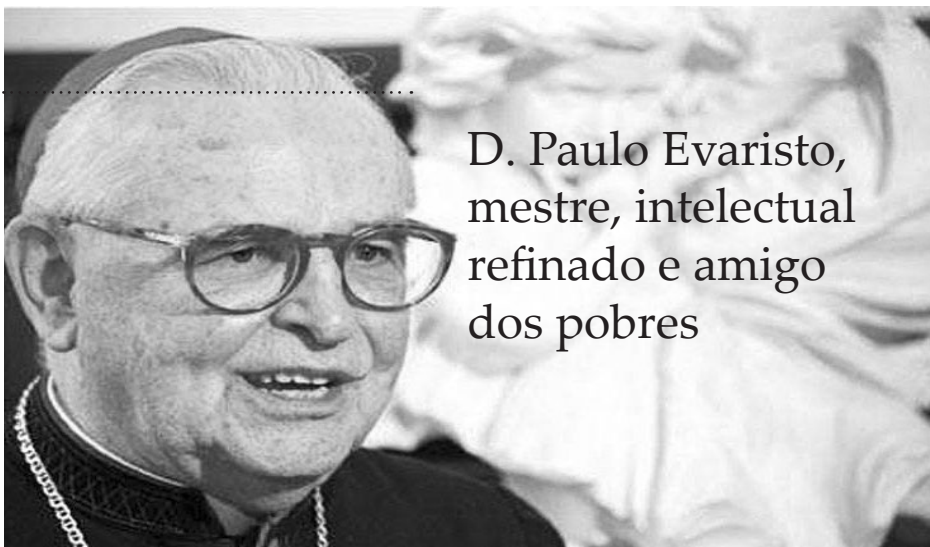
– Não posso aceitar seu dinheiro porque estou prestando serviço comunitário esta semana.

O deputado ficou feliz e foi embora. No dia seguinte, quando o barbeiro foi abrir a barbearia, havia uma dúzia de deputados, com seus filhos, tios, sobrinhos, afilhados, vizinhos, cabos eleitorais, todos fazendo fila para cortar cabelo de graça!.

Essa é uma das diferenças entre os cidadãos e os políticos.”

“Os políticos e as fraldas devem ser trocados frequentemente e pela mesma razão.”

Eça de Queiróz



D. Paulo Evaristo, mestre, intelectual refinado e amigo dos pobres

Leonardo Boff

Depois vim a conhecê-lo em Petrópolis como professor dos Padres da Igreja e da história cristã dos dois primeiros séculos. Obrigava-nos a ler os clássicos em suas línguas originais, São Jerônimo, seu preferido, em latim e São João Crisóstomo, em grego.

Quando o visitei há dois anos no convento de religiosas na periferia de São Paulo o encontrei lendo sermões em grego de São João Crisóstomo.

Foi nosso Mestre de estudantes durante todo o tempo da teologia em Petrópolis de 1961-1965. Acompanha com zelo cada um em suas buscas, com um olhar profundo que parecia ir ao fundo da alma. Era alguém que sempre procurou a perfeição. Até entre nós estudantes disputávamos para ver quem encontrava algum defeito em sua vida e atividade. Cantava maravilhosamente o canto gregoriano no estilo de Solemnes, mais suave do que o

duro de Beuron que predominava até a chegada dele.

Durante quatro anos o acompanhei na pastoral da periferia. Nas quintas-feiras à tarde, no sábado à tarde e no domingo todo, acompanhei-o na capela do bairro Itamarati em Petrópolis. Visitava casa por casa, especialmente as famílias portuguesas que cultivavam flores e horticultura. Onde chegava logo fundava uma escola. Estimulava os poetas e escritores locais. Depois da missa das 10.00 os reunia na sacristia para ouvir os poemas e os contos que haviam produzido durante a semana. Estimulava intelectualmente a todos a lerem, escreverem e a narrarem para os outros as histórias que liam.

Era um intelectual refinado, conhecedor profundo da literatura francesa. Escreveu 49 livros. Instigava-nos a seguir o exemplo de Paul Claudel que costumava, a cada dia, a escrever pelo menos uma página. Eu segui seu conselho e hoje já passei dos cem livros.

O que sempre me impressionou nele foram seu amor e seu afeto franciscano pelos pobres. Feito bispo auxiliar de São Paulo ocupou-se logo com as periferias, fomentando as comunidades eclesiais de base e empenhando pessoalmente Paulo Freire. Como era tempo da ditadura, especialmente férrea em São Paulo, logo assumiu a causa dos refugiados vindo do horror das ditaduras da Argentina, do Uruguai e do Chile. Sua missão especial foi visitar as prisões, ver as chagas das torturas, denunciá-las com coragem e defender os direitos humanos violados barbaramente. Correu riscos de vida com ameaças e atentados. Mas como franciscano, sempre mantinha a serenidade como quem está na palma da mão de Deus e não nas garras dos policiais da repressão.

Talvez seu feito maior foi o Projeto “Brasil: Nunca Mais” desenvolvido por ele, pelo Rabino Henry Sobel e pelo Pastor presbiteriano Jaime Wright com toda uma equipe de pesquisadores. Foram sistematizadas informações de mais de 1.000.000 de páginas contidas em 707 processos do Superior Tribunal Militar. O livro publicado pela Editora Vozes “Brasil Nunca Mais” teve papel fundamental na identificação e denúncia dos torturadores do regime militar e acelerou a queda da ditadura.

Eu pessoalmente sou-lhe profundamente grato por me ter acompanhado no processo dou-

trinário movido contra mim pelo ex-Santo Ofício em 1982 em Roma sob a presidência do então Card. Joseph Ratzinger. No diálogo que se seguiu ao meu interrogatório entre o Card. Ratzinger, o Cardeal Lorscheider, o Cardeal Arns com a minha participação, ele corajosamente deixou claro ao Card. Ratzinger: “esse documento que o senhor publicou há uma semana sobre a Teologia da Libertação não corresponde aos fatos que nós bem conhecemos; essa teologia é boa para os fiéis e para as comunidades; o senhor assumiu a versão dos inimigos desta teologia que são os militares latino-americanos e os grupos conservadores do episcopado, insatisfeitos com as mudanças na pastoral e nos modos de viver a fé que este tipo de teologia implica” E continuou: “cobro do senhor um novo documento, este positivo, que valide esta forma de fazer teologia a partir do sofrimento dos pobres e em função de sua libertação”. E assim ocorreu, três anos após.

Tudo isso já passou. Fica a memória de um cardeal que sempre esteve do lado dos pobres e que jamais deixou que o grito do oprimido por seus direitos violados ficasse sem ser ouvido. Ele é uma referência perene do bom pastor que dá sua vida pelos pequenos e sofredores deste mundo.

**Leonardo Boff é Teólogo e escritor.*

Transcrito do Boletim Rede

Do que vale um rito sem A M O R ?

O tema atual do papel do rito nas propostas religiosas de caráter midiático é considerado um elemento rico de análise e debate, próximo ao que se poderia classificar de “massificação religiosa via ritualismo doutrinário”.

É nítido o interesse de arrebatar contingente populacional nas esferas públicas televisivas, tendo como pano de fundo a imagem de uma religião capaz de resolver todos os problemas de ordem prática que surgirem. A válvula de escape é, na sua esmagadora maioria, sanar os medos e as torturas individuais por meio de um discurso eficaz.

A doutrina, especificamente centrada na fala da autoridade inquestionável de um líder com alto poder de retórica, funciona como ferramenta de ligação entre o ouvinte e a eficácia ritualística. Não é incomum por isso a relação estreita entre psicologismo e fé ingênua.

Como se observa, aproveitar-

se de um rito para expandir seu canal de atuação midiática é a estratégia mais utilizada para salvar a tática do “tapa buracos” existenciais, em que a maioria dos desequilíbrios emocionais acaba se afundando. A imagem de Deus passa a ser relacionada como a de um provedor familiar ou intervenor imediato para cura de doenças físicas, psíquicas, emocionais, desarranjos afetivos, crises econômicas, desemprego etc.

Entretanto, a relação entre o sagrado e o humano não se limita aos mandamentos de uma receita dogmática e em seus muitos muros doutrinários construídos ao longo da história, embora esta venha sendo a triste constatação de muitos discursos teológicos atualmente.

O profeta da não-violência, Mohandas Gandhi (1869 – 1948), expressa com sabedoria sua inquietação sobre o que viria a ser, para ele, a entrega sublime a Deus: “A busca mais alta é a de Deus. Ora, não se encontra Deus nos templos,

nem em outros lugares de culto edificados pelo homem, nem se entregando, simplesmente, a vários tipos de abstinência. É pelo amor que se pode encontrar Deus”.

Por outro lado, muito em conta dos fundamentalismos e ritualismos exacerbados, alguns segmentos proselitistas espalhados mundo afora têm se perdido em disputas ferozes, a fim de cooptar o maior número de simpatizantes. Alguns até mesmo advogam a proposição de que seu discurso é mais “teológico” do que os demais, e sua guarnição religiosa seria, supostamente, mais “verdadeira” e “eficaz”.

O que mais chama atenção é que o ritualismo dogmático vem aumentando seu poder de atuação nas massas. Muita gente, fragilizada emocionalmente, corre desesperadamente por um resultado imediato. O rito, apresentado como receita mágica para eliminação dos males do corpo e do espírito, possui neste contexto destaque na aposta de que tudo vai se resolver, se cumprirmos à risca a receita ritualística apresentada.

A mídia, interessada em vender receitas prontas, entra como mola propulsora para esse tipo de tática persuasiva. Dá audiência e retorno financeiro transformar Deus em mero tapa buracos para nossas carências existenciais.

Onde fica então o papel do discurso religioso em meio a tanto esvaziamento de sentido teológico? Que outra perspectiva de atuação

social a religião e seus ritos podem salvaguardar atualmente?

Um caminho seria o do resgate dos valores éticos. Gerar vínculos de solidariedade e justiça já seria um começo revelador. Em vez de permanecer disputando qual rito é mais salvífico ou benéfico aos prosélitos, a linha doutrinária de muitas igrejas deveria procurar encontrar o que mais aproxima a humanidade de sua evolução espiritual: a prática do amor incondicional.

Quando percebermos que o amor é a suprema ação divina, o oxigênio do ritualismo dará lugar ao serviço irrestrito pela paz e solidariedade universais. Isso, certamente, é muito mais importante e necessário atualmente do que competir por audiência midiática, numa clara demonstração de politicagem doutrinária e afastamento da lei do amor.

O amor, único meio de salvar a humanidade de sua auto-destruição. A força do amor universal, chama ardente da luz no mundo, que continuará sendo o único critério verdadeiramente “religioso” pelo qual vale a pena qualquer sacrifício e entrega na travessia da vida, para além de qualquer rito ou vinculação doutrinária.

Jorge Leão é Professor de Filosofia do IFMA

Membro do Movimento Familiar Cristão (São Luís – MA)

Extraído da imortal obra:
Os Miseráveis, de Vitor Hugo

“Infeliz o que só tiver amado corpos, formas e aparências, que tudo lhe tirará a morte. Amai as almas, se quereis além túmulo encontrá-las.” (idem)

“É possível conhecer bem a montanha se não conhece também a caverna que nela penetra?” (p. 992)

“O homem não é um círculo de um só centro; é uma elipse com dois focos. Os fatos constituem um; as ideias são o outro.” (p. 993)

“Diminuir o número de tenebrosos, aumentar o de luminosos, eis o objetivo.” (p. 994)

“Por mais que se faça, jamais se conseguirá anular o último resíduo do coração do homem, o amor.” (p. 1000)

“Se existe alguma coisa mais pungente que um corpo agonizante por falta de pão, é uma alma que morre de fome de luz.” (p. 1006)

“De tudo quanto Deus criou não há coisa mais esplendorosa, nem mais tenebrosa também, infelizmente, do que o coração humano.” (p. 1010)

“O que é permanente e imutável subsiste sempre.” (p. 1014)

“[...] fechar os olhos é a melhor maneira de ver a alma.” (p. 1016)

“A honestidade de um grande coração, condensada em justiça e em verdade, fulmina.” (p. 1063)

“[...] na hora da evidência é que o demonstrador aparece.” (idem)

“[...] as minuciosidades são, por assim dizer, a folhagem dos grandes sucessos.” (p. 1065)

“[...] a cólera atea a revolta da mesma forma que o vento atea o fogo.” (p. 1071)

O gosto do Amor

Luiz Felipe Pondé*

Muitos duvidam da existência do amor. Muitos afirmam ser ele uma invenção da literatura. Outros, que se trata de uma projeção neurótica imaginária. Uma patologia da família das manias. Há quem suspeite de que seja uma doença da alma. Estão errados.

Quem conhece o amor sabe que ele habita entre nós. E sua presença nos faz sentir vivos. Por isso, o ressentimento é cego ao amor. Pode ser raro, randômico, frágil muitas vezes, mas nem por isso menos marcante quando percebido.

Este é o tema do filme sueco “Um Homem Chamado Ove”, de Hannes Holm, que foi indicado para melhor filme estrangeiro no Oscar deste ano. O cinema escandinavo está sempre entre os melhores do mundo. Poucos lidam com temas do afeto de forma tão elegante, do desespero à beleza, mas sempre elegante.

A história é um clássico: a morte de uma esposa amada e a solidão decorrente. O filme narra a “cura”

do homem chamado Ove, principalmente, pelas mãos de sua vizinha grávida iraniana, e suas filhas, além de todos os vizinhos em volta, lembrando, em muitas cenas, uma máxima rabínica: Deus está nos detalhes.

E o Messias entra pela fresta da porta. O amor também, como diz o livro bíblico “Cântico dos Cânticos”. A falta de atenção para com os detalhes torna qualquer pessoa obcecada pela falta de sentido das coisas. A delicadeza é a virtude cognitiva necessária para a percepção do amor no mundo.

Só quem conhece o amor sabe o desespero que pode ser perder a quem se ama. O amor é incomum.

Claro, nada tem a ver necessariamente com o casamento. Pode, inclusive, morrer pelas mãos do casamento. Casa-se com quem se ama porque o amor pede o convívio. A presença viva de que ele existe.

Estar longe de quem se ama implica numa falta que beira a asfixia. Na verdade, o amor está entre as

formas mais poderosas de significado na vida. E vai muito além do amor romântico propriamente dito.

A percepção repentina do amor pode dar a quem o vê a sensação de estar diante de um milagre, dado a sua leveza, humildade e generosidade.

A falta de amor na vida produz um certo ceticismo em relação ao mundo. Ou pior: o sentimento de inexistência. O mundo fica escuro, e você, vazio. A falta de amor beira a descrença. Perde-se a confiança nas coisas. Mesmo nas árvores e nos pássaros.

Um dos pecados maiores da inteligência é chegar à conclusão de que o amor é uma ficção. Mas não é a inteligência que aí fala, mas a tristeza de um coração em agonia.

Muitas vezes, pessoas supostamente inteligentes consideram o amor algo ingênuo e pueril. E quem ama, um equivocado.

Não há razões pra amar, uma vez que o mundo parece provar a cada minuto que ele é o terreno da raiva, do rancor e do ressentimento. A ciência do mundo parece mesmo ser um tratado sobre a desconfiança.

Søren Kierkegaard (1813-1855), em seu *“As Obras do Amor”*, da editora Vozes, alerta aos inteligentes que não confundam o amor com alguma forma de ignorância da mentira e dos riscos.

A desconfiança se acha a mais completa das virtudes morais ou

cognitivas. A armadilha de quem desconfia sempre é que ele mesmo se sente inexistente para o mundo porque este é sempre visto com desprezo. É da natureza do amor olhar para fora e não para dentro. O amor não é apaixonado por si mesmo.

Outra suposta arma contra o amor é o fato de a hipocrisia reinar no mundo. A hipótese de a hipocrisia ser a substância da moral pública parece inviabilizar o amor por conta de sua cegueira para com esta hipocrisia mesma.

É verdade: o amor não vê a hipocrisia. Kierkegaard diz que há um “abismo escancarado” entre eles. Este abismo é de natureza, isto é, a diferença de postura entre os dois torna o amor tão distante da hipocrisia, que sua pantomima, fruto do desprezo pelas coisas, é invisível aos olhos do amor que une as coisas.

O amor é concreto como o dia a dia. Engana-se quem o considera abstrato e fantasioso. Kierkegaard nos lembra em seu primeiro ensaio como o amor só se conhece pelos frutos. Isso implica que não há propriamente uma percepção do amor que não seja prática. O gosto do amor é a confiança nas coisas que ele dá a quem o experimenta.

** Luiz Felipe Pondé é filósofo, escritor e ensaísta, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de TelAviv, discute temas como comportamento, religião, ciência.*

Transcrito da Folha de São Paulo



Daniela Arbex*

Algumas atrocidades só se repetem em países sem memória. Infelizmente, o Brasil não se acostumou a transformar os erros do passado em ensinamentos para mudar o presente. Recebi por WhatsApp uma mensagem cujo conteúdo me deixou preocupada. Sob o título “O pior que o milico tem fortes razões”, o texto, supostamente extraído do discurso de um general, questionava a liberdade. “Liberdade para quê? Liberdade para quê?” Liberdade para roubar, matar, corromper, mentir, enganar, traficar e viciar? Liberdade para ladrões, assassinos, corruptos e corruptores? Falam de uma noite que durou 21 anos, enquanto fecham os olhos para a baderna, a roubalheira e o desmando que, à lua do dia, já dura 26!”

Lá pelas tantas, o militar pergunta se vivemos mesmo anos de chumbo ou se aqueles tempos foram de paz? Eu respondo, senhor general. Em nome das famílias que até hoje não conseguiram enterrar

os seus mortos, vivemos, sim, anos de terror. Em nome dos jornalistas calados pela censura e assassinados pelo regime civil-militar, como Vladimir Herzog, em 1975, sofremos muito com uma ordem que se impôs pelo medo. Embora o medo ainda nos acompanhe diante da violência que nos assola, jamais trocaria a nossa caótica realidade por um governo que usa a força para maquiarmos um país.

Afinal, que mérito há em governar sob o manto do silêncio? Também não posso aceitar que o mito de uma sociedade perigosa, que alimentou tantas injustiças, ainda seja usado para nos convencer que a paz que precisamos seja conquistada pelo uso da arma ou pela pena de morte. Por acaso não havia violência e corrupção na época da ditadura? Sim, havia, principalmente governamental. A diferença é que as vítimas não tinham voz. Permaneciam na invisibilidade, como muitos outros inocentes confinados aos porões que a lei jamais alcançou.



Mais do que o medo que sinto diante da falta de justiça, me arrepiava pensar que podemos voltar a ser comandados por pessoas que encarnam o protótipo de pacificadores, mas são movidos pelo desejo de guerra e poder. Respeito as nossas instituições e os seus representantes que honram sua farda, e os admiro por isso, mas também conheço de perto personagens que muitos livros de história jamais citaram. Por isso, defendo, acima de tudo, o poder

de escolher o que eu devo pensar. Não estamos alienados diante do desgoverno do Brasil. Mas nenhuma derrota me convencerá que o matar para nós é o retrocesso de um período marcado pela dor imensa da mordaça e a vigilância do cativeiro. Fico com Dom Paulo Evaristo Arns que jamais se deixou calar. Viva a liberdade!

** Daniela Arbex é Jornalista e escritora*

Transcrito da Tribuna de Minas

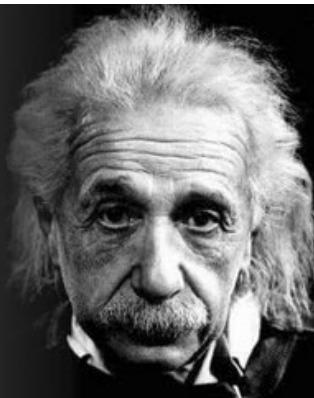


“Eu sei que o que faço é apenas uma gota d’água, mas o oceano é feito de gotas d’água.”

Madre Teresa de Calcutá

Só há duas maneiras de viver a vida: a primeira é vivê-la como se os milagres não existissem. A segunda é vivê-la como se tudo fosse milagre.

Albert Einstein



“Feliz é aquele que, apesar do mau cheiro do esterco, consegue antever fartas colheitas e o perfume dos futuros jardins.”

Hermógenes





Recessão democrática à brasileira

Oscar Vilhena Vieira*

O mundo parece ter entrado em um perigoso processo de recessão democrática nos últimos anos. Os avanços democráticos e constitucionais deflagrados pela Revolução dos Cravos, em 1974, seguida pela democratização espanhola, pela transição em diversos países da América Latina, entre os quais o Brasil, a queda do Muro de Berlim e o fim do regime do apartheid, na África do Sul, encontram-se em refluxo.

O cientista político Larry Diamond aponta como evidência dessa recessão a ruptura de pelo menos 25 regimes democráticos, desde os anos 2000, assim como uma acentuada deterioração das liberdades, da transparência e,

em especial, a degradação do Estado de Direito, a partir de 2006, conforme mensuração realizada anualmente pela organização FreedomHouse.

Essa erosão dos valores constitucionais e democráticos não é um privilégio das novas democracias, mas também afeta as antigas, como França, Holanda, Itália, Inglaterra ou mesmo os Estados Unidos, onde a retórica da intransigência vem paulatinamente se institucionalizando. Por outro lado, regimes autoritários, como os da Rússia e especialmente China, apresentam-se cada vez mais robustos e com crescente influência ao redor do mundo.

Múltiplas são as hipóteses para explicar esse processo, que vão da incapacidade dos novos regimes



democráticos para lidar com as demandas e conflitos de uma sociedade aberta, à eficiência de líderes autoritários para controlar a mídia e acuar a sociedade civil, passando pela captura das lideranças democráticas, em velhas e novas democracias, pela corrupção e pela fragilização das agências de aplicação da lei. O aumento da desigualdade, mesmo nos países desenvolvidos, potencializou a desconfiança na política, a tensão social, abrindo espaço para o oportunismo à la Trump.

No Brasil vivemos um processo paradoxal. Seguindo o caminho de muitas democracias em recessão, temos um problema de profunda ineficiência do Estado, que vem sendo incapaz de cumprir com as obrigações básicas no campo da segurança pública, educação, saúde ou infraestrutura urbana. Mesmo a onda de crescimento dos anos 2000 não foi capaz de reduzir a profunda e persistente desigualdade, esgarçando ainda mais o tecido social. As ruas de 2013 deixaram claro isso.

A promiscuidade do financiamento eleitoral e o vasto esquema de corrupção dela derivado, no

entanto, apenas se tornaram mais evidentes em função do fortalecimento de mecanismos de transparência, monitoramento e aplicação da lei. Sem o surpreendente desempenho de algumas instituições de aplicação da lei, turbinadas pela delação premiada, não teríamos a exata dimensão da profundidade do modelo neopatrimonialista que vem se apropriando da democracia brasileira.

Nas últimas semanas, com a iminência da suspensão do sigilo sobre as delações, a luta pela sobrevivência dos operadores políticos desse regime neopatrimonialista tornou-se ainda mais dramática, fortalecendo uma inusitada aliança entre novos e antigos adversários políticos voltada a embaraçar ou desmoralizar o sistema de aplicação da lei. O desempenho de nossa democracia nos próximos anos depende, em boa medida, do resultado deste embate entre a elite política e a imparcialidade da lei.

** Oscar Vilhena Vieira formou-se em direito pela PUC-SP, é doutor pela USP e pós-doutor pela Universidade de Oxford.*

Transcrito da Folha de São Paulo

Lembre-se de que mudança é vida. Em cada momento, permaneça disponível ao novo.

Osho



Se deixada livre, criança comerá algo que gosta até passar mal

Rosely Sayão*

Está bem difícil para nós, adultos, ter nossa boca sob controle. Justo nós, que deveríamos ter bem desenvolvido –e usar sempre– o mecanismo de autorregulação, ou seja, a capacidade de conter um forte impulso, seja ele qual for. Ora não conseguimos conter o que sai de nossa boca, ora não controlamos o que entra por ela. E é desse último caso que vou tratar hoje.

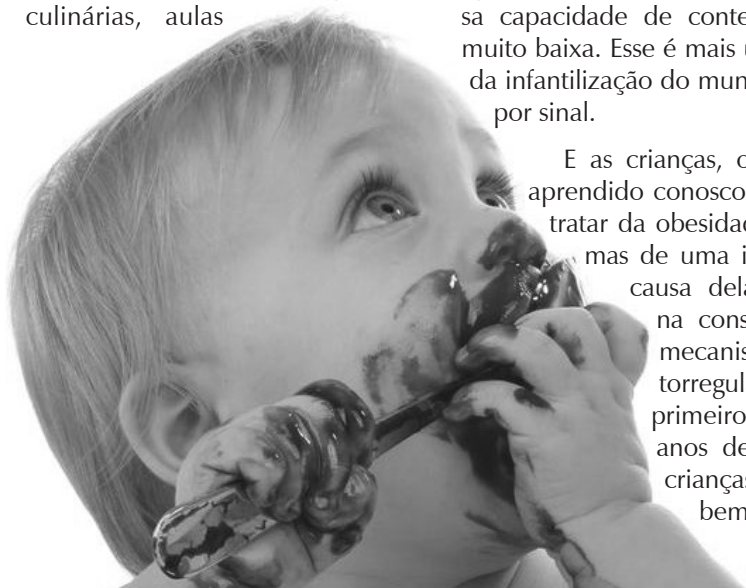
A cozinha está em alta. Não é possível zapear pelos canais de televisão, abertos e/ou fechados, sem passar por, pelo menos, três ou quatro programas de culinária, quando não mais. São reality shows na cozinha, competições culinárias, aulas

com menus e receitas etc. Para todos os gostos e bolsos.

Isso quer dizer que temos ido mais à cozinha, que temos comido melhor? Não. Esses programas servem, principalmente, para estimular a vontade de comer, de mastigar e alimentar a nossa gula. Um estudo publicado em uma revista científica apontou que um quinto da população brasileira está obesa!

Não temos tradição de comer regularmente legumes, verduras e frutas. Nossas preferências são as carnes, em geral gordurosas porque ficam mais saborosas, massas, frituras etc. Desde sempre nossa alimentação foi essa, mas o nosso tipo de vida mudou. E, agora, nossa capacidade de contenção está muito baixa. Esse é mais um indício da infantilização do mundo adulto, por sinal.

E as crianças, o que têm aprendido conosco? Não vou tratar da obesidade infantil, mas de uma importante causa dela: a falha na construção do mecanismo de autorregulação. Nos primeiros cinco anos de vida das crianças, percebemos com



clareza que elas não conseguem, ainda, resistir a um impulso, e este nem precisa ser dos mais fortes. É por isso que elas fazem birra, batem, mordem, fazem o que sabem que não poderiam fazer, por exemplo. É aos poucos que a criança aprende a conter impulsos que são socialmente inadequados ou que a prejudicam.

Você conhece o ditado popular que afirma que “a criança é um saco sem fundo”? Isso diz respeito à falta de controle dela sobre si mesma e à falta de autoconhecimento. A criança não é capaz de sentir que está saciada, por exemplo. Se ela gosta de comer um alimento e for deixada livre para comer a quantidade que quiser, comerá até passar mal. Um amigo tem viva a lembrança de ter sido hospitalizado aos oito anos por ter comido quase uma caixa inteira de uvas!

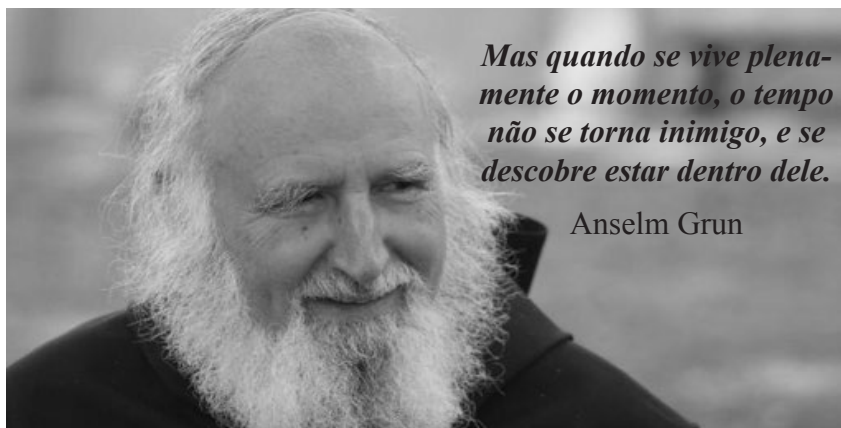
As crianças têm percebido que não tem sido importante, para nós, o ensinamento do autocontrole. Aliás, elas percebem com muita sagacidade que nós mes-

mos não nos importamos em usar essa capacidade. E, se nós não a usamos cotidianamente, por que haveriam elas de usar?

Desenvolver a capacidade de, voluntariamente, conter impulsos, por mais fortes que eles sejam, que podem prejudicar a própria pessoa ou o outro, é fundamental para o crescimento, para o bom desenvolvimento. Eu diria que esse aprendizado é tão importante quanto outros aos quais os pais se dedicam com fervor.

Para ensinar o autocontrole aos filhos é preciso esforço, muito esforço pessoal. E parece que esforçar-se é algo que sabemos fazer bem na busca do êxito e do sucesso. Será que gastamos todo nosso potencial nesses itens e ficamos zerados para o esforço e a paciência necessários para tal ensinamento aos mais novos? Aí está uma pergunta que merece nossa reflexão!

**Rosely Sayão é Pedagoga e escritora
Transcrito da Folha de São Paulo*





Antônio Allgayer

26/12/1921

05/02/1917

Antônio! Nosso irmão muito querido. Nosso amigo. Nosso mestre. Nosso exemplo. Nosso iluminado Profeta!

Deonira L. Viganó La Rosa

MFC de Porto Alegre, RS

Tu, Antonio, foste um profeta porque desde sempre foste sensível ao Espírito e à História. Antevias as necessidades do povo, tanto que nos anos 70 escreveste para o MFC um Temário sobre ecologia, e publicaste o livro “Ecologia e vida” em 1981. E só recentemente a Igreja e a Sociedade começaram a preocupar-se com os biomas, com a ecologia.

Como Profeta, emprestaste tua palavra a Deus para renovar a nossa esperança. Traduzias a mensagem de Cristo em linguagem contemporânea. Eras capaz de anunciar e denunciar, tentando esclarecer a nossa consciência e estimular a mudança de nossas condutas. Constantemente nos

dizias: “A Igreja precisa se converter ao Evangelho”. E insistias: “Jesus era tão humano, que de tão humano, só podia ser Deus”. Era preciso, então, humanizar a igreja, a família, a sociedade.

E com esta convicção, em 1975, quando a sociedade, a igreja e o MFC entendiam a família como uma célula fechada em si, num verdadeiro familismo, surgiu, no MFC nacional, como um dos principais protagonistas de uma nova visão de família. Uma família mais humana, que aceitasse suas incompletudes. Uma família capaz de compreender a pressão das estruturas sociais sobre ela e descobrir sua própria capacidade de ser agente de transformação social. Foi nesta ocasião que escreveste o “Grão de Mostarda”, um marco, um instrumento de mobilização e renovação do MFC do Brasil.

Antônio, nos ensinaste muitas outras coisas, por palavras e sobretudo pelo exemplo:

Teu amor aos pobres, tua luta por justiça e pelos excluídos – lembrando que escreveste um livro: “Jesus e os excluídos do Reino”. Esses dias, na Academia, um pessoal ouviu o Jorge falando com um amigo sobre este livro e interferiu dizendo: Conheço também a “Derrocada da pirâmide”, deste mesmo autor. E gostei muito de lê-lo. Vejam só!

Teu desprendimento, a ponto de mensalmente repartires teu salário com pessoas e entidades necessitadas. Recebido o salário, uma visita ao banco com a lista dos beneficiados para os respectivos depósitos. Sem falar na roupa que davas.

Entendias a caridade, não somente como o ato de ajudar os pobres e as crianças abandonadas, mas como auxílio a movimentos ou grupos engajados numa ação de transformação social. Pagando o salário da secretária, por exemplo.

Te dizias teólogo amador, e fazias uma teologia libertadora, extraída do cotidiano, baseada na vida que pulsava ao teu redor. Lutavas contra doutrinas estanques, regras e estruturas que mais servem para prender do que para libertar as pessoas. E toda a Escritura conhecias.

Teus artigos sempre elucidativos e saborosos em conteúdo e forma. De um vocabulário excepcional.

Propagavas um Deus bom. Sempre conto aos noivos o que nos ensinaste: “Se um estuprador está na cadeia, todos os presos querem matá-lo. Mas sua mãezinha vai visitá-lo. Leva um bolo, e pergunta: O que foi que te aconteceu, meu filho amado? E o beija com carinho”. E acrescentavas: “Assim é Deus”.

Privilegiavas as mulheres, desde as do Antigo Testamento – a rainha Vasti, Esther, Ruth... – até as atuais, Teresa de Calcutá e outras, a quem chamavas de profetizas.

E tinhas muito apreço pela bênção. Quantas foram as vezes que te inclinaste humildemente e me oferecestes a testa para que eu te abençoasse.

Ah, e tinhas bom humor. Mesmo com dificuldade para falar, poucos dias antes de morrer, conseguias fazer uma brincadeira com alguém que te visitava.

Estás fazendo falta amigo Antônio, à Renita com quem passaste mais de 60 anos e com quem trabalhaste pelo Brasil afora lutando pela constante renovação do MFC, na Construção do Reino.

Fazes falta a teus familiares, a nós de tua Equipe, ao MFC e a todos os que contigo conviveram.

Amigo, santo, santo Antônio, lembra de nós e intercede ao Cristo por nós. Que sejamos capazes de imitar-te. Amém.

Despedida do veterano Jayme Sampaio

A pedido de nossa principal divulgadora, Guilhermina Sales, publicamos, com pesar, nota sobre a recente partida do querido companheiro.

Com muito sentimento e SAUDADE, comunicamos aos mefecistas do Brasil a passagem do nosso querido irmão e amigo JAYME ALMEIDA SAMPAIO (esposo de Graciette) para a casa do PAI, em consequência de uma queda com fratura de fêmur.

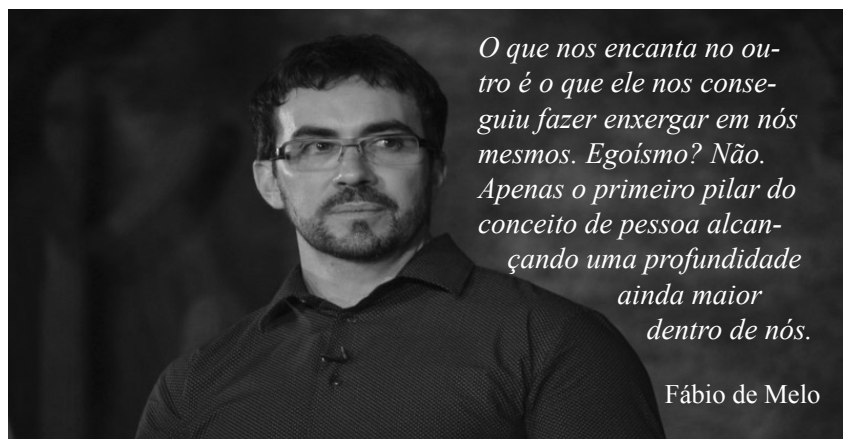
Seu sepultamento no Jardim da Saudade, foi precedido de uma celebração pelo Pe. ARNALDO. Jayme e Graciette foram Coordenadores do MFC da Bahia e estiveram presentes várias vezes em muitas cidades do interior, contribuindo para a construção do REINO.

Durante muitos anos Coordenaram o Serviço de Preparação ao Matrimônio. Ele Presidiu o COFAM por 3 anos. Gostavam muito de trabalhar com GLIFOS, feitos por Jayme, uma forma mais prática de evangelizar.

Na Suburbana, mantiveram vários grupos de Evangelização até novembro de 2016. De vez em quando, juntávamos pessoas de outras Equipes para confraternização naquele lindo sítio, no subúrbio de Itacaranha e assistíamos o pôr-do sol refletindo no mar.

Momentos bonitos de AMIZADE, FRATERNIDADE e CONFIANÇA.

Resta uma grande saudade!



Momentos de reflexão

Motivo maior de alegria dos cristãos, celebramos em abril a Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo! Na sequência do tempo da Quaresma, a Semana Santa nos oferece uma oportunidade especial para reflexão e aprofundamento no sentido de nossa existência. Lembra-nos o apóstolo Paulo (1 Cor 15, 14) que nossa fé encontra sentido pela ressurreição do Senhor. Neste ano, pudemos refletir sobre o tema da Campanha da Fraternidade, “Biombras brasileiros e defesa da vida”. Nesse tempo propício de reavaliação comportamental e volta do olhar sobre nós mesmos, podemos nos questionar: **Que práticas em nossa vida pessoal precisam ser repensadas para melhorar a conservação do meio ambiente e, com isso, contribuir para que a vida seja mais sustentável?**

Além dessa celebração maior,

a lembrança de Tiradentes, mártir na luta pela nossa independência, assume importância singular nesses tempos tão sombrios e incertos pelos quais passa a nação. Dias marcados pela tristeza de ver o aumento da opressão financeira sobre trabalhadores de ontem e de hoje. A descrença com a classe política, em todos os níveis, deixa um gosto amargo de ver muitos cristãos desse meio desonrarem a confiança a eles conferida, quando assumem a prática inescrupulosa da desonestidade e do comportamento imoral lastimável em nome de seus próprios interesses. Questionemo-nos, corresponsáveis que somos pelos caminhos do país: **Que atitudes podemos assumir na construção de uma sociedade mais honesta e mais justa?**

Extraído da Carta Informativa
da Coordenação Estadual do
MFC de Minas - 2016-2019



***O que lagarta chama
de fim da vida o mestre
chama de borboleta***

Richard Bach

“O amor move o céu e todas as estrelas”

Dante

A vida

Depois de muitas quedas, eu descobri que, às vezes, quando tudo dá errado, acontecem coisas tão maravilhosas que jamais teriam acontecido se tudo tivesse dado certo. Eu percebi que quando me amei de verdade pude compreender que, em qualquer circunstância eu estava no lugar certo, na hora certa.

Então pude relaxar... pude perceber que o sofrimento emocional é um sinal de que estou indo contra a minha verdade.

Parei de desejar que a minha vida fosse diferente e comecei a ver que tudo o que acontece contribui para o meu crescimento.

Desisti de querer ter sempre razão e com isso errei muito menos vezes.

Desisti de ficar revivendo o passado e de me preocupar com o futuro. Isso me mantém no presente, que é onde a vida acontece.

Descobri que na vida a gente tem mais é que se jogar, porque os tombos são inevitáveis.

Percebi que a minha mente pode me atormentar e me decepcionar. Mas quando eu a coloco a serviço do meu coração, ela se torna uma grande e valiosa aliada. Também percebi que sem amor, sem carinho e sem verdadeiros amigos a vida é vazia e se torna amarga.

Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise. É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.

Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo...

Mário Quintana





Texto recomendado pelo Pe. Manu, membro do CONDIN

A REALIDADE QUE A GRANDE MÍDIA TENTOU ESCONDER E DISTORCER

NA COBERTURA DA GREVE GERAL BOA PARTE DA IMPRENSA BRASILEIRA PERDEU O RUMO DA VERDADE E SE TORNOU RIDÍCULA!

Gosto de ficar bem informado. Leio vários jornais, ouço o rádio quando estou no trânsito e no final do dia, assisto a mais de um noticiário. Confesso, porém, que nos últimos tempos uma sensação de nojo está tomando conta de mim. Nunca vi tamanha parcialidade tendenciosa por parte dos jornalistas. É legítimo que cada um tenha seu ponto de vista. É até interessante que o repórter tenha a oportunidade de expressar sua opinião, mas o que estamos assistindo hoje é um processo de lavagem cerebral.

Muitos jornalistas abandonaram a imparcialidade e se vota-

ram descaradamente ao serviço dos interesses dos grupos econômicos que pagam seus salários. Funcionários de veículos de comunicação claramente ligados a projetos políticos, econômicos e ideológicos de impostação neoliberal, selecionam conteúdos, censuram falas, omitem informações, distorcem fatos, manipulam notícias com o único objetivo de tornar “pública” a opinião dos poderosos.

A cobertura da greve geral do dia 28 de abril foi escandalosamente parcial e ridícula. Além de minimizar o movimento grevista fizeram de tudo para criminalizá-lo. Megafones

convocatórios das manifestações dos movimentos afinados com sua ideologia, só interrompiam suas programações para vender a imagem de que tudo no Brasil estava normal.

Quando os fatos contradiziam essa mentira, faziam questão de nos chamar de vândalos. Deixaram de dar cobertura aos atos pacíficos que mobilizaram milhares de pessoas para noticiar isolados atos de quebraadeira provavelmente provocados por infiltrados a mando de quem estava interessado em penalizar a luta dos trabalhadores.

Entrevistaram uns poucos trabalhadores que se disseram prejudicados pela greve do transporte público, mas, caíram no ridículo quando mostraram os terminais vazios, pois a maior parte dos trabalhadores e trabalhadoras nem saiu de casa para trabalhar. Os grandes centros urbanos tinham cara de domingo, pois muitos aderiram espontaneamente à greve.

Reclamaram dos bloqueios das vias públicas invocando o direito a ir e vir e esqueceram que esse direito sagrado é violado todo dia quando os trabalhadores e trabalhadoras são transportados em condições desumanas em transportes coletivos gerenciados por empresários que tratam o povo como gado para garantir seus altos lucros. Além do mais, nos mesmos noticiários, numa evidente contradição, faziam questão de elogiar as manifestações e os bloqueios realizados na Vene-

zuela contra o governo local, dando uma enésima prova da escandalosa e perversa parcialidade.

Generosos em criticar a repressão das forças de segurança venezuelanas, nada disseram a respeito da violência policial utilizada contra os trabalhadores brasileiros em alguns estados do País. Entrevistaram pacientes que se sentiram prejudicados pela ausência de atendimento médico no dia da greve como se a precariedade dos serviços médicos fosse uma exclusiva do dia da greve geral. Todo dia milhares de brasileiros suportam filas enormes para marcar exames, mas os senhores jornalistas e seus patrões pouco sabem disso, pois afinal das contas eles têm plano de saúde.

Passaram dezenas de vezes a briga que aconteceu no aeroporto do Rio entre manifestantes e taxistas, pois estes últimos se sentiam prejudicados. Mas várias vezes eu fiquei bloqueado no trânsito por causa de manifestações de taxistas que paravam seus veículos para reivindicar melhores condições de trabalho. É mais uma prova do esforço de dividir a classe trabalhadora para fragilizá-la. Mostraram-se sensibilizados com o prejuízo que os trabalhadores tiveram ao perderem o dia de trabalho, confirmando que o salário é tão miserável que um dia de pagamento traz muito prejuízo. Reparei que, pela primeira vez, não deram nenhum espaço à Assembleia anual da Conferência dos bispos do Brasil. É evidente

que tal silêncio se deve à posição corajosa que os bispos católicos tomaram em relação às reformas, sugerindo o envolvimento da população nas discussões para o exercício efetivo da democracia participativa.

Os microfones somente ficaram abertos para quem criticasse a greve geral. Não vi nenhuma entrevista a sindicalistas ou a manifestantes. Não houve contraditório. Enquanto se dava peso à declaração do ministro da justiça que julgava como pífio o movimento, a imprensa internacional sublinhava o sucesso da greve apresentando-a como um fato histórico.

Apesar de elogiarem o tempo todo a operação lava jato, abriram os microfones para investigados e até denunciados para defenderem as reformas patrocinadas pelos banqueiros e empresários ávidos de lucro. Para conseguir o que querem, perderam a vergonha na cara e se aliaram com esse Congresso desmoralizado.

Diarreicos em soltar denúncias contra os políticos que não fecham com eles, não medem esforços para blindar o atual governo só para garantir o que bem lhes interessa. Estão omitindo até as pesquisas com altos índices de rejeição contra o governo Temer que com certeza irão abandonar quando conseguirem o que querem. Estão fazendo maior pressão para que os sindicatos sejam responsabilizados e multados, mas omitem as dívidas que os grandes

grupos empresariais (inclusive os deles) e os bancos têm com a previdência social e com outros setores do poder público por causa da inúmeras multas que receberam. Reclamam justamente quando são hostilizados pelos manifestantes, mas se acham no direito de humilhar, ridicularizar e criminalizar os/as trabalhadores, os manifestantes e todos aqueles que apresentam opiniões diferentes a deles. É muita mentira e contradição. O povo está se dando conta.

Agradeço o povo brasileiro por tudo aquilo que aconteceu no dia 28 de abril. Os atos de vandalismo foram isolados. Os trabalhadores e trabalhadoras demonstraram que têm um grande senso cívico. A participação foi maciça. As manifestações foram celebrações da vida. Apontaram para um projeto de democracia participativa.

O povo não está disposto a perder direitos. Sinto pena dos brasileiros e brasileiras que olharam tudo isso com desprezo e, obcecados por visões distorcidas, estão apoiando esse arrastão que o governo está promovendo contra os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras. O povo não é vagabundo, não está a fim de ser feito escravo. É preferível perder um dia de trabalho que trabalhar a vida toda sem dignidade.

É melhor parar o Brasil por um dia que trabalhar sem parar para contribuir a vida toda com a previdência para sustentar a agiotagem do estado. Vale a pena se manifestar e participar ativamente, reapode-

rando-se do poder, sobretudo agora que boa parte dos parlamentares e do executivo já não representa os interesses de eleitores. É importante lutar, pois o cidadão e cidadã merecem trabalho digno e tutelado e não um bico desprotegido. Enfim, é necessário sair às ruas e continuar a luta para exigir DIRETAS JÁ. O

presidente legítimo é aquele que o povo escolhe pelo voto. NENHUM DIREITO A MENOS

*Pe. Saverio Paolillo (pe. Xavier)
é Missionário Comboniano da
Pastoral do Menor e Carcerária
Centro de Direitos Humanos
dom Oscar Romero - Paraíba*

O MUNDO É MEU

Hoje, em um ônibus, vi uma mulher muito bonita e desejava que eu fosse tão bonito. Quando de repente ela se levantou para sair, vi-a mancar pelo corredor. Ela tinha uma perna só e usava uma muleta. Mas quando ela passou, ela deu um sorriso. Oh, Deus, perdoe-me quando eu reclamo. Eu tenho duas pernas; o mundo é meu.

Parei para comprar alguns doces. O rapaz que os vendeu era bem charmoso. Falei com ele, ele parecia tão feliz. Se eu me atrasasse, não teria a menor importância. E quando saí, ele me disse: “Eu lhe agradeço, você foi muito gentil. É bom conversar com pessoas como você. Você vê, ele disse, “eu sou cego.” Oh Deus, perdoe-me quando eu reclamo. Eu tenho dois olhos; o mundo é meu.

Mais tarde, enquanto caminhava pela rua, vi uma criança que eu conhecia. Ela se levantou e viu os outros jogar, mas ela não sabia o que fazer. Eu parei por um momento e então eu disse. “por que você não se junta a eles, querida?” Ela olhou para frente sem uma palavra. Eu esqueci, ela não podia ouvir. Oh Deus, perdoe-me quando eu reclamo. Eu tenho dois ouvidos; o mundo é meu.

Com pés para me levar para onde quero ir.

Com os olhos para ver o esplendor do pôr do sol.

Com ouvidos para ouvir o que preciso saber.

Oh Deus, perdoe-me quando eu reclamo. Eu fui abençoado de fato; o mundo é meu.





A ficção da neutralidade e o poder moderador

Ângela Alonso*

Não há mais bela ficção no direito constitucional do que a que imaginou Benjamin Constant com o seu Poder Moderador. O que a América do Sul precisa é um extenso Poder Moderador, um poder que exerça a função arbitral entre partidos intransigentes.” Esta era a opinião de Joaquim Nabuco, em “Balmaceda” (1895), que tratava do Chile e, obliquamente, da crise brasileira de inícios da República. No Império, julgava, o imperador encarnava esse quarto poder, plaiando acima das paixões partidárias e, por isso, capaz de dirigi-las para o bem do país.

A tese da necessidade de um

poder moderador como estabilizador da ordem política para além da lógica partidária e da instabilidade produzida por sua ausência fez carreira no Brasil. Comparece em vários intérpretes da política desde os tempos de Nabuco.

O princípio reapareceu transfigurado no debate dos últimos anos. Com uma nuance: na ausência de quarto poder formal, recorreu-se ao terceiro. O Judiciário operaria como poder moralizador, capaz de dar linha ética aos partidos.

Essa ideia de um órgão infenso a interesses, regido por valores nobres, a começar pela justiça, grassou a ponto de elevar Joaquim Barbosa a super-herói nas capas

de revista. Embora certo personalismo seja inescapável, o ideal passou de um rosto a outro – o da vez é o de Sérgio Moro. E transcendeu pessoas para se encarnar em uma instituição: o Supremo Tribunal Federal.

Desde o julgamento do mensalão, graças à TV Justiça, o país vem conhecendo estratégias argumentativas e terminologia técnica que antes ignorava (quem não sabe o que é “decisão monocrática?”), assim como os maneirismos de cada ministro e a solenidade revestida por pomposa toga, capa que remete outra vez aos super-heróis.

No STF, falou-se aos quatro ventos impressos, televisivos, radiofônicos e virtuais, residiria a reserva moral da nação. Os juízes seriam os únicos habilitados para punir os “malfeitos” – eufemismo que invadiu o linguajar político querendo dizer tudo sem dizer nada. Alçou-se o Judiciário a paladino da luta nacional anticorrupção, investidura institucional do clamor das ruas.

A propalada neutralidade do poder independente foi, contudo, fazendo água ao longo da crise. Os juízes supremos decidem constrangidos por regras jurídicas, é verdade, mas também têm feito escolhas de natureza política, o que ficou patente no impeachment de presidente eleita pelo voto popular, sem que houvesse crime palpável. Politização da Justiça reiterada na deliberação acerca do destino do presidente do Senado.

Em vez de funcionar como a baliza neutra, o Supremo tem tomado partido, desnorteando os atores políticos e mesmo a parte da sociedade que o respaldava no papel de árbitro-mor.

As instituições fazem política, todas elas, assim como os indivíduos que as ocupam. Não existe poder infenso a interesses, valores e paixões. Como se viu no episódio Renan, a crença na Justiça cega é mera ingenuidade sociológica.

Nabuco atribuíu ao poder moderador do Império a propriedade de aparar arengas entre partidos. Sua autonomia seria a maneira sábia de garantir a ordem política moderna contra caciques locais. Sem ele, o país seguiria o destino da América espanhola, empossando caudilhos.

Uma das funções do poder moderador no Império foi, de fato, arbitrar o jogo político. Falando disso no começo da República, Nabuco, então monarquista, esqueceu-se do que registrara como crítico do Império. Tratava-se de jogo baseado na exclusão, os partidos oficiais se resumiam a dois e a maioria da população vivia alheia ao voto e ao direito de candidatura.

E, se por sociedade moderna se supuser cidadania ampliada, a América espanhola, baseada em trabalho livre, se saía melhor que o reinado de d. Pedro, onde vigia a escravidão. O poder moderador, que não respondia ao voto, moderava uma briga de oligarcas. Serviria mal à democracia, em que todos – em princípio – participam em pé de igualdade.

Além do mais, nunca existiu poder acima dos partidos ou in-fenso a eles. Toda tentativa de entronizar um guardião moralizador, seja uma instituição, como o Supremo, seja um militar, como o inimigo de Nabuco, Floriano Peixoto, seja um juiz, como Sergio Moro, acaba por gerar apenas partidarização de outro tipo. A foto viral do magistrado com Aécio Neves bem o ilustra.

O episódio Renan avariou o que restava da imagem do Supremo como poder independente. O STF fez política. Sua isenção é um cristal partido.

Não passa, roubando a frase de Nabuco, de uma “bela ficção”.

Ângela Alonso é Professora do departamento de sociologia da USP e presidente do Cebap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).

Transcrito da Folha de São Paulo

Aproveita para semear

Quando é noite, contempla.

Durante o dia, caminha...

Se te vem a doença, renova-te

Na vitalidade, ajuda a quem necessita de luz

Na privação, purifica-te

Na abundância, reparte...

Na queda, aproveita para reconhecer tuas falhas

Na caminhada, lança sementes no chão

Se te visita a dor, busca compreender suas razões

Ao mover teus braços, abraça a quem se vê abandonado

Se a dúvida chegar, aponta novos passos

Se tens certeza de algo, divide as lições sorvidas

Quando te sentires sozinho, aproveita para apreciar o silêncio

*Se te encontrares na multidão, partilha o que ouviste de Deus na
solidude de teu coração*

Se tens frio, abraça-te à Terra

*Se chega o calor, estende tuas mãos e aproveita para semear o
amor e o bem no mundo*

Muita paz

Jorge Leão





A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO (LUCAS)

(Releitura de artigo do Fato e Razão nº97 objetivando ao exercício de uma reflexão contextualizada. Organização de Prof. Oscavo, membro do conselho editorial da revista F&R).

Existem três pontos na parábola que são a chave do entendimento do que é verdadeiramente a opção pelo outro (próximo).

Quando servimos alguém nós nos tornamos o próximo dessa pessoa. Assim, qual a dificuldade que alguém terá para amar a seu próximo? – Qual a dificuldade que você, leitor, teria em amar a alguém que o ajudou, que se importou com você? – (se amar ao próximo é mandamento de Deus, viu como é fácil obedecer a este e outros mandamentos?).

Contudo, não fique esperando que alguém ame você. **TORNE-SE AMÁVEL E AME AO SEU PRÓXIMO COMO A SI MESMO.**

Lembre-se de que a opção preferencial pelos pobres significa **ENTRAR NO MUNDO DO POBRE.** Isso não é só viver e trabalhar com e por eles, mas **PENSAR, AGIR E SENTIR. NA ÓTICA DOS POBRES.** Isso pressupõe conversão (**METANOIA**), mudança de conduta profunda e permanente **SEGUINDO A CONDUTA PROPOSTA POR JESUS COM DEDICAÇÃO DA PRÓPRIA VIDA.** Aqui cabe o questionamento: - Você, caro leitor, já exercitou o



amor cristão? –Você tem exercitado a sua própria conversão? – Por que?

a OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES COMPORTA TRES DIMENSÕES, OU SEJA:

- ESPIRITUAL, TEOLÓGICA E EVANGELIZADORA.

- ESPIRITUAL, na medida em que diz respeito a vida do próprio Jesus. É o elemento central da espiritualidade cristã, a raiz e o sentido último DA OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES.

- TEOLÓGICA, na medida em que a realidade tão cruel do POVO DE DEUS que vive em condição sub-humana é uma questão teológica e implica, em seu interior, um intenso trabalho de inclusão social.

– Qual a responsabilidade de cada um (pastores e laicato) com a participação ativa e efetiva neste projeto DENTRO DOS LIMITES TEOLÓGICOS?

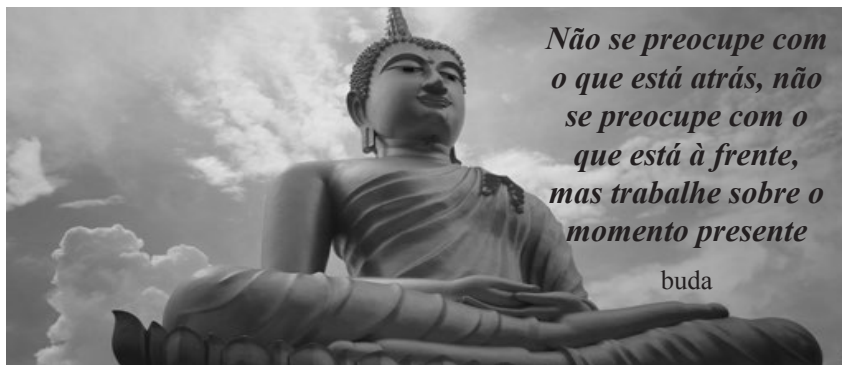
- EVANGELIZADORA na medida em que cada cristão da uma resposta ao chamado de Jesus de Nazaré e nos tornamos discípulos que anunciamos o reino de Deus. - As avaliações e as celebrações individuais e coletivas têm se constituído como comportamento contextualizado?

- Será que falhamos como Igreja Doméstica e como Igreja institucional diante das três dimensões que fazem parte do TEMPO DA MISERICÓRDIA, conforme proposto pelo Papa Francisco?



“Nada é tão poderoso na terra como a pureza e a oração”

Teilhard de Chardin



Não se preocupe com o que está atrás, não se preocupe com o que está à frente, mas trabalhe sobre o momento presente

buda



As ameaças dos novos meios de comunicação exigem novas estratégias de evangelização

José Maurício Guedes*

Os religiosos de todas as crenças e em todo o mundo dispõem número indefinido de horas em suas pregações orais e gastam toneladas de papéis em suas exortações escritas e divulgadas através de um número incalculável de publicações.

Apesar de todo esse empenho em prol da misericórdia, da humildade, da compreensão e da humanização das populações de todos os continentes, avolumam-se os casos de violência, do hedonismo e da desumanização das pessoas e da

degradação do meio ambiente.

Enquanto expandem-se, para o bem e para o mal, como um rastilho de pólvora, as conhecidas redes de comunicação social.

A última utilização para o mal de que tivemos notícia foi um aplicativo denominado “Baleia Azul”. Não temos conhecimento em detalhes sobre o uso do aplicativo, mas o pouco que sabemos, através dos meios de comunicação, nos trazem imensas preocupações sobre como neutralizar ou contrapor essas verdadeiras “arapucas” que vão se criando, deixando principalmente os jovens expostos a esses malfeitores.



Em defesa da liberdade que re-presentou a criação da internet, des-carta-se qualquer tipo de censura ou restrição.

Resta então aos que se interes-sam, ou pelos menos se preocupam com o futuro da humanidade usar os mesmos instrumentos de que dis-põem os maus intencionados para difundirem suas ideias e propostas.

As igrejas, na maior parte do mundo, têm imensa capacidade de angariar recursos e precisam passar a utilizá-los, não apenas ao proselitismo e à caridade, mas principalmen-te ao financiamento e na aplicação de suas energias através de veículos de comunicação mais modernos.

Toda comunicação para alcançar seus objetivos precisa usar lingua-

gem e meios mais persuasivos para chegar aos seus destinatários.

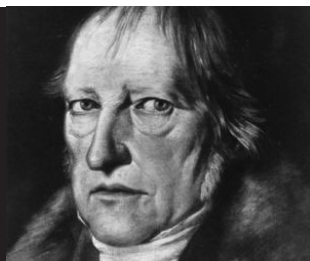
Assim como existem os sites “malwares” precisamos urgente-mente do desenvolvimento de suas contrapartidas e talentos embrioná-rios não faltam para esse trabalho, principalmente se soubermos im-pulsionar os jovens aficionados.

Para quem acredita tão somen-te nos poderes divinos recomenda-mos a leitura do livro “Homo Deus – Uma breve história do amanhã” do historiador judeu YuvalNoahHa-rari para se assombrarem com o que pretendem e podem alcançar os se-res por Ele criados.

* José Maurício Guede é
Membro do Conselho Editorial
da Revista Fato e Razão

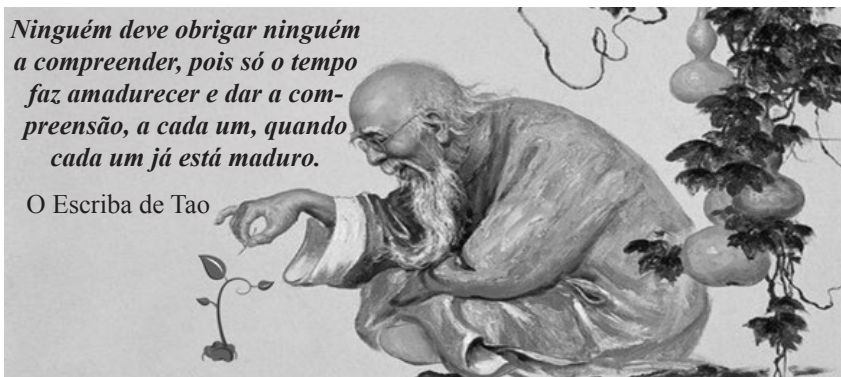
*“Naquilo com que um espírito se
satisfaz, mede-se a
grandeza de sua perda.”*

Friedrich Hegel



*Ninguém deve obrigar ninguém
a compreender, pois só o tempo
faz amadurecer e dar a com-
preensão, a cada um, quando
cada um já está maduro.*

O Escriba de Tao





Ronaldo Lemos*

Se tem uma coisa que quem trabalha com política pública no Brasil precisa fazer é parar de se informar sobre a China a partir da perspectiva da imprensa norte-americana. O único jeito de entender o país é vendo de perto como ele funciona. Em outras palavras, é preciso “guanxi”, termo que indica o costume chinês de só confiar em uma pessoa depois de ter tido um encontro pessoal com ela.

A China está deixando de ser o “chão de fábrica” do planeta para se tornar um país gerador de design e propriedade intelectual. Há uma forte reorientação em busca de inovação ocorrendo.

O país já ocupa o segundo lugar no número de patentes registradas, ficando atrás apenas dos EUA. Em nanotecnologia, a China já está no primeiro. Em patentes de robótica, está em segundo, só atrás do Japão.

A China se tornou o país do WeChat, aplicativo criado pela em-

presa local Tencent. Ele é difícil de descrever. Funciona como rede social, mensageiro eletrônico, app de transporte urbano, de paquera e meio de pagamento. É impressionante ver que quase ninguém usa mais dinheiro ou cartão. Todo pagamento é feito por celular com o WeChat. Inclusive quando alguém manda dinheiro para outra pessoa (o app se integra à conta bancária diretamente).

Se o Brasil quiser ter uma política externa capaz de alavancar o desenvolvimento nacional, um bom passo é bater às portas da China para cooperar em ciência e tecnologia. As Universidade de Pequim e Tsinghua ambicionam ser a Harvard e a Stanford chinesas. Os campi estão cercados de empresas de tecnologia. O iCenter de Tsinghua funciona como o laboratório de novas técnicas de manufatura e está aberto a colaboração internacional. Lá é possível ver impressoras 3D capazes de imprimir um carro de uma vez, supercomputadores e programadores especializados em bitcoin e blockchain.



Já a Academia Yenchin da Universidade de Pequim tem sistematicamente acolhido estudantes brasileiros interessados em construir pontes com a China, tal como a paulistana Lais Sachs. Ela e seis outros acabam de criar uma associação dos estudantes brasileiros espalhados pela China. Deveriam ganhar uma medalha da embaixada brasileira.

Brasil e China foram (e continuam sendo) dois grandes beneficiários do sistema da OMC. Isso em si já consiste em um ponto de cooperação entre os dois países, em especial neste momento de crescente reprovincialização do comércio.

Além disso, o Brasil tem a ambição de deixar de ser apenas um gigantesco mercado consumidor

de tecnologia para se tornar produtor. Para isso, o papel do Estado como indutor de inovação é essencial. Nesse sentido, é importante a construção de um Plano Nacional de Internet das Coisas (iniciativa da qual, vale dizer, faço parte). Só nesse setor já há grande espaço de cooperação.

Nenhum país se desenvolve isoladamente. China e Brasil eram economias agrárias nos anos 1970.

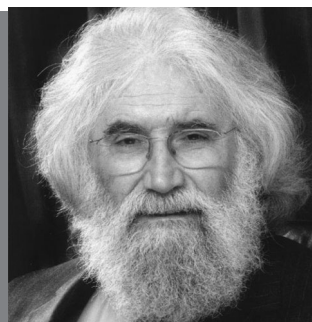
Só um deles reverteu esse quadro.

** Ronaldo Lemos é advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITSrio.org). Mestre em direito por Harvard. Pesquisador e representante do MIT Media Lab no Brasil.*

Transcrito da Folha de São Paulo

*O amor salva eternamente
qualquer pessoa, funda a paz,
redime o mundo e constitui o
sentido secreto do universo*

Leonardo Boff



*O Cristo não nos salva por seus
sofrimentos. Ele nos salva pela
consciência e pelo amor que Ele
introduz em seus sofrimentos.*

Jean Yves Leloup



DA RELAÇÃO ENTRE VIDA SOCIAL, ÉTICA E CULTURA CIDADÃ.

AUTOR DESCONHECIDO

A voz do povo diz que:

Tem carne podre no mercado vendida como de primeira, papelão no frango, mercúrio no peixe, picanha vencida e linguiça feita com carcaça de frango.

Tem agrotóxico proibido nas verduras e legumes, coliformes fecais na água, soda cáustica no leite, e óleo de soja no azeite “extra virgem”, cevada no café e alimentos transgênicos na mesa.

Tem propinoduto, mensalão, lava a jato, merenda escolar roubada, ou adulterada, botijão de gás adulterado, água de poço engarrafada.

Tem rede 3G sem funcionamento com qualidade, e Iphone mais caro do que devia.

Airbag que não abre; recall em veículos mal feitos, bomba de combustível fraudada e gasolina adulterada.

Tem máquina de cartão de crédito grampeada, cartão de crédito clonado e SMS vindo de presídio informando ao desavisado sobre prêmio, elaborado como golpe em penitenciária, bem como uso de celular na cadeia. Tem superfaturamento em obras públicas, papel colado em placas de veículos para burlar as leis e CDs e DVDs piratas.

Empregador que não respeita o funcionário, empregado processando patrão para extorquir dinheiro e lojas saqueadas diante da omissão do poder público.

Tem julgador que desconhece o bem comum nos julgamentos, tem saque em carga de caminhão, criminosos que não cumprem pena, desrespeito a cancela do pe-

dágio, cobrança extorsiva e especuladora no mesmo e desrespeito ao sinal de trânsito.

■ Têm quadrilhas travestidas de partidos políticos, bandido que compra 'MOCINHO', incompetência em órgãos públicos falta de profissionalismo e pessoas que atropelam e fogem.

■ Tem falta de planejamento, falência ética e moral na política, em funcionários públicos e privados, bem como no cidadão comum e uma sociedade marcada pela exclusão social.

Cabem, aqui, algumas questões:
- É possível uma vida social harmoniosa em um quadro como o aqui descrito? - Uma Nação soberana pode, historicamente, se sobrepor ao quadro cultural aqui descrito? - O que mais compromete, em termos de conduta ética, as pessoas, neste gradiente de vida são elas mesmas; são os políticos; as corporações... Quem e por quê?

É pertinente lembrar que o grande estadista Ruy Barbosa dizia: -"De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto". - em um lugar assim, quem é bom e quem é mau?

MISERICÓRDIA SENHOR! ...
MISERICÓRDIA.



*O espaço que está no interior
do cântaro é o espaço que
preenche todo o universo*

Provérbio Indiano





Menos Estado de bem-estar social leva a mais Estado penitenciário

Laura Carvalho*

De depois de 134 mortes registradas em prisões brasileiras, o presidente Michel Temer anunciou recentemente a liberação das Forças Armadas para atuar em presídios estaduais, lembrando os tempos da monarquia, que reservava ao Exército tarefas típicas dos capitães do mato, como a prisão de escravos em fuga.

Além da falta de preparo dos militares para esse tipo de situação, a medida recebeu a mesma crítica que o anúncio da abertura de novas vagas em prisões feito anteriormente: nenhuma delas ataca a origem do problema.

Como bem descreveram Julita Lemgruber e Rodrigo Chiringhelli de Azevedo no artigo “Show de horrores”, não há solução estrutu-

ral para o problema prisional que não passe pela redução do número de presos provisórios, cuja maior parte está presa ilegalmente, e pela revisão da atual política de drogas, que, além de superlotar presídios com usuários e pequenos traficantes, confere cada vez mais poder a facções criminosas.

A experiência internacional aponta uma terceira precondition para evitar o problema da superlotação carcerária, algo que certamente não está no horizonte do governo Temer ou, o que é ainda mais grave, do debate político-econômico brasileiro atual.

Conforme sugere o estudo empírico seminal dos sociólogos Katherine Beckett e Bruce Western, que utiliza dados dos Estados norte-ame-



ricanos entre 1975 e 1995, a taxa de encarceramento costuma ser maior onde o Estado de Bem-Estar Social é mais fraco.

A conclusão dos autores é que a redução dos programas sociais nos EUA durante os anos 1980 e 1990 refletiu a emergência de um novo sistema de administração do que chamam de “a marginalidade social”.

O achado vai na linha do que havia exposto o sociólogo LoïcWacquant em “As prisões da miséria”.

Em vez da redução da intervenção estatal na vida social, a opção por “menos Estado” econômico e social, que é a própria causa da escalada generalizada da insegurança objetiva e subjetiva nos vários países, leva à necessidade de “mais Estado” policial e penitenciário.

As evidências apresentadas por Richard Wilkinson e Kate Pickett no best-seller “The SpiritLevel”, publicado em 2009, parecem conferir generalidade a tais argumentos. Os dados compilados para um conjunto de países ricos indicam que, quanto maior o nível de desigualdade, maior também é a taxa de encarceramento por habitante.

O cruzamento de dados mais recentes de encarceramento apresen-

tados pelo ICPR (Institute for Criminal PolicyResearch) com o índice de Gini divulgado pelo Banco Mundial sugere que essa relação positiva vale para o conjunto de países do G20 e que o Brasil não foge à regra.

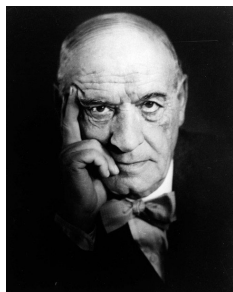
Em uma sociedade como a nossa, que nunca deixou de estar entre as mais desiguais do mundo, a opção por medidas de redução estrutural da rede de proteção social, em vez da via da tributação mais justa e do fortalecimento do Estado de bem-estar social, renova a escolha por uma abordagem exclusivista e punitivista de administrar a marginalidade social.

A proteção aos mais vulneráveis sempre pode caber no Orçamento, mas o genocídio jamais caberá na civilização.

Enquanto a insustentabilidade do sistema previdenciário em meio à elevação da expectativa de vida for vista pela maioria como mais dramática do que a insustentabilidade de um sistema penitenciário em meio à produção de um número cada vez maior de excluídos, estaremos condenados à barbárie.

**Laura Carvalho é Professora do Departamento de Economia da FEA-USP com doutorado na New School for Social Research(NYC).*

Transcrito da Folha de São Paulo



***O importante não é chegar, e
sim ir, estar no caminho***

Ortega y Gasset



Nós somos a terra

Sonia Bone Guajajara*

Em entrevista à Folha de São Paulo, o ministro da Justiça, Osmar Serraglio, declarou que terra não enche a barriga de ninguém. Egresso da bancada ruralista, citado pela Polícia Federal na Operação Carne Fraca, ele apenas reproduziu o pensamento de quem tem o olho na barriga e enxerga a terra apenas como commodity.

Mas, de certa forma, atirou no que viu e acertou no que não viu: para nós, povos tradicionais, a terra serve, antes de tudo, para alimentar nosso espírito e nossa identidade.

Nós somos a terra. Somos indissociáveis dela. Não queremos terra para gerar lucro, mas para garantir a nossa existência.

“O que acho é que vamos lá ver onde estão os indígenas, vamos dar boas condições de vida para eles, vamos parar com essa discussão sobre terras”, disse ainda Serraglio.

O que ele julga serem “boas condições de vida” para o índio? Nessa afirmação, o ministro revela, em pleno século 21, um pensamento etnocêntrico e paternalista.

Uma forma retrógrada de ver o mundo parece guiar este governo, como se nossos dirigentes ignorassem os avanços sociais e científicos que mudaram o planeta desde os anos 1960.

Quando era congressista, o ministro da Justiça foi relator da PEC 215, que transfere do Executivo



para o Legislativo o poder de demarcar terras indígenas. Não duvido que essa credencial tenha sido decisiva na sua escolha para o Ministério da Justiça.

Hoje o Palácio do Planalto ultrapassou a bancada ruralista nos ataques aos nossos direitos. Em janeiro, o então ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, já havia instituído um grupo técnico com a finalidade de reavaliar processos de demarcação feitos pela Funai.

Nas últimas semanas, chegaram notícias de uma medida provisória cujo propósito é facilitar a venda de terras a estrangeiros, o que poderia reduzir a área para a demarcação de terras indígenas. Como não enxergar uma ação coordenada nessas iniciativas?

A visão da cobiça é de curto alcance, só chega até a safra seguinte. As terras indígenas ajudam a regular o clima do planeta, pois servem de barreira contra o desmatamento -desmata-se dez vezes menos nelas que em áreas não demarcadas.

A parte da Amazônia sob nossa proteção armazena um estoque de

13 bilhões de toneladas de carbono. Sem essa reserva, o Brasil não conseguirá cumprir as metas do Acordo de Paris.

Segundo o estudo “Economia da Mudança do Clima no Brasil” (2011), os impactos das mudanças climáticas podem acarretar uma perda de 20% na produção de soja no país até 2050. Um rombo de R\$ 6 bilhões por ano no setor.

Não se exige visão estratégica de um ministro da Justiça: sua principal atribuição é zelar pela Constituição. E a Carta Magna brasileira, conhecida como “cidadã”, garante os direitos originários dos povos indígenas.

O Brasil lidera a lista dos países em que mais foram mortos ativistas ambientais em 2015, segundo um levantamento da ONG internacional Global Witness.

Nessa contexto, a infeliz declaração do ministro pode gerar ainda mais insegurança no campo.

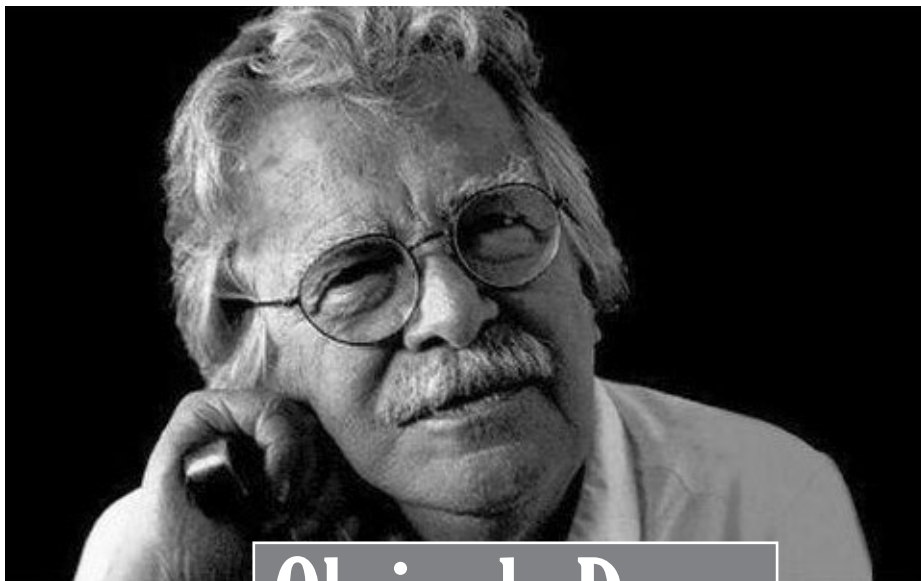
**Sonia Bone Guajajara, líder indígena, é coordenadora-executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib)*

Transcrito da Folha de São Paulo



O que o homem necessita antes de tudo não é tal ou qual instrução sobre Deus, tal ou qual teologia sobre o que ele deva crer de Deus – o que ele necessita é incitamento e estímulo que o leve a procurar e descobrir Deus dentro do seu coração.

Humberto Rohden



Obrigado Darcy

Alessandro Octaviani*

Recentemente completaram-se 20 anos da morte de Darcy Ribeiro. Se as principais nações do mundo honram seus heróis com memoriais, filmes, nomes de ruas e festas cívicas, o mínimo que podemos fazer para ele é, como Emicida já nos ensinou, dizer de peito aberto: “Obrigado, Darcy!”.

Darcy Ribeiro cresceu no interior de Minas Gerais e estudou na Escola de Sociologia e Política em São Paulo. Foi “etnologar” índios no Xingu e cometeu o pecado de perceber que eles não eram somente fósseis do passado mas um presente e -se tivéssemos sabedoria- um futuro civilizacional.

Mergulhou na reforma da educação brasileira, engajou-se na alteração estrutural do país por meio da

ação política, foi exilado, escreveu uma obra teórica de impressionante fôlego sobre desenvolvimento mundial e o papel do Brasil (a “teoria de nós mesmos que só nós poderemos fazer”, encarnada nos diversos volumes dos “Estudos de Antropologia da Civilização”).

Tornou-se escritor de romances de alta qualidade e um agitador cultural de primeira grandeza. Amou os brasileiros brancos, índios, negros, misturados de todos os jeitos e para todos os gostos.

Circulou com marechal Rondon, Anísio Teixeira, Victor Nunes Leal, Juscelino Kubitschek, João Goulart, Leonel Brizola, San Tiago Dantas, Celso Furtado, Glauber Rocha, Salvador Allende, Pablo Neruda, Fidel Castro, Che Guevara, Chico Buarque, Caetano Veloso, entre inúmeros outros.



Foi homenageado por algumas das principais universidades do mundo, tema de teses e documentos. Deu origem a uma fundação. Inspirou várias iniciativas nos mais diversos campos, impactando positivamente a vida de milhares de brasileiros.

A ação e o pensamento de Darcy alertaram-nos para nossas tarefas como nação a fim de construir, nessa primeira metade do século 21, uma verdadeira civilização nos trópicos: a defesa da mestiçagem; a altivez na determinação de objetivos próprios para a cultura, a economia e a política (e não acreditarmos que os modelos culturais, econômicos e políticos de que precisamos estão em uma prateleira, à venda, em alguma empresa ou universidade do hemisfério Norte); a democratização do poder político, do poder econômico, do conhecimento e dos grandes meios de comunicação de massa.

Se fosse possível reduzir tal complexidade e riqueza a duas palavras,

diria que Darcy foi amor e serviço. Amor ao Brasil, à ideia do país generoso com os brasileiros, autônomo perante o imperialismo e o sistema financeiro e responsável com seus recursos naturais e humanos.

Amor é atenção; Darcy nos deu ininterruptamente atenção. Serviu ao outro, incansavelmente: produziu teoria para a emancipação; trabalhou para construir escolas decentes onde nossas crianças seriam educadas e alimentadas; lutou para garantir liberdades democráticas; sorriu para os compatriotas e os fez sorrir; ensinou a abrir uma fresta entre a realidade e a utopia que alimenta a luta diária.

No Brasil de hoje, Darcy não é só saudade: é necessidade. Podemos ser todos Darcy. Obrigado, Darcy!

Alessandro Octaviani é professor de direito econômico da Faculdade de Direito da USP, é autor do livro "Estudos, Pareceres e Votos de Direito Econômico", entre outros

Transcrito da Folha de São Paulo

Oração em defesa da vida

Nós vos louvamos, Pai, com todas as criaturas reveladoras do amor por nós. Converti-nos em promotores da vida para celebrarmos o fortalecimento do projeto que nos conduz ao reino da justiça justa e do amor caridoso. Amem

Inspiração bibliográfica: Campanha da Fraternidade





Planejar é preciso

Pe. Virgílio Uchôa*

Um velho provérbio chinês reza o seguinte: “Se você quiser colher a curto prazo, plante cereais. Se quiser colher a longo prazo, plante árvores. Mas, se quiser colher para sempre, eduque crianças”.

Alguns milênios depois, em 1982, nosso grande antropólogo e educador Darcy Ribeiro admoestava: “Se os governadores não construírem escolas, em 20 anos faltará dinheiro para construir presídios”.

O corrente ano de 2017 trouxe em seu início a terrível tragédia das chacinas e fugas de presídios das regiões Norte e Nordeste do país. Perigosas facções criminosas que cumprem pena em nossas casas de detenção promoveram uma matança, esfolando e degolando

com crueldade inaudita mais de uma centena de presos pertencentes a grupos concorrentes na arte de delinquir.

Aturdida com o ocorrido, a opinião pública foi alertada pelos meios de comunicação para a horrenda situação de nossos presídios. Pessoas amontoadas em espaços exíguos e imundos desprovidos de quaisquer estruturas, por menores que sejam, que possam contribuir na reeducação do detento. Agentes com quase nenhuma qualificação e em número insuficiente são destacados para lidar com os prisioneiros no dia a dia. Reina uma ociosidade ampla que, além de deprimir o preso, oferece-lhe tempo para tramar fugas e continuar no comando do crime de dentro das cadeias. Tudo isso, sem falar nos muros permeáveis da prisão através dos quais pas-



sam, sem cerimônia alguma, telefones celulares, drogas e armas para os internos.

Assustado com a gravidade da explosão dessa bomba-relógio que vem sendo armada há muito tempo, o governo se alvorçou. No frenético ritmo do “toca, barata voa”, o Presidente da República despachou seu Ministro da Justiça para Manaus, no Amazonas, e Boa Vista, em Roraima.

E aí teve início um frenesi de palpites para estancar o fluxo sanguíneo da artéria social rompida. Governadores dos Estados envolvidos aproveitaram as ocasiões para estender o já manjado pires à cata de recursos da burra federal. Um deputado da malfadada “bancada da bala”, aquele grupelho que defende no parlamento os interesses dos fabricantes de armamentos, saiu bradando pela criação de um ministério para cuidar dessa questão da infiltração de facções nos presídios, o Ministério da Segurança Pública. O Presidente da República corre para anunciar verbas milionárias - que ele não deve saber de onde tirar - para construir inúmeras penitenciárias país afora, duplicando o número de vagas para acolher os criminosos.

Parece que o bom senso escapuliu das cabeças dos responsáveis pelo bem público. Ninguém pensou em reunir os representantes dos poderes constituídos, com a participação dos vários segmentos da sociedade civil, para

planejar de uma maneira séria e abrangente novos caminhos que venham a libertar o país da violência escandalosa que nos oprime, dilacera e envergonha. E a espinha dorsal dessa rede a ser construída é, sem dúvida alguma, a reforma radical de nosso sistema educacional. Temos que criar um outro, mais abrangente e com conteúdos modernos e profundos.

A exceção encorajadora nessa balbúrdia foi a Ministra Carmen Lúcia, Presidente do Supremo Tribunal Federal. Mesmo estando aquela corte em recesso de final de ano, ela voou pressurosa para Manaus para discutir com os próceres da justiça a participação do judiciário no equacionamento desses gravíssimos problemas que nos afligem. Continuou sua tarefa em Brasília, reunindo-se com juízes e desembargadores de vários Estados da Federação.

A nosso ver, a condução dessa matéria deveria ser assumida pelo Palácio do Planalto. É o poder executivo que tem condições técnicas e políticas de envolver o legislativo e o judiciário na discussão, formulação e aprovação de projetos que possam transformar o Brasil em um país moderno, onde todos os cidadãos sejam respeitados e lhes sejam dadas oportunidades para crescerem humana e socialmente.

Pe. Virgílio Uchôa é Pároco da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Migrantes – Brasília – DF

Transcrito do Boletim Rede



Por uma **#ReformaPolítica** **EFETIVA**

Cláudio Lamachia*

Um dos motivos de tensão entre a população e o Congresso é a costumeira postergação de uma reforma política efetiva.

Enquanto a sociedade clama por regras capazes de aprimorar a democracia e recrudesce o combate à corrupção, boa parte de seus representantes protagoniza um verdadeiro teatro, fingindo empenho e arrastando a discussão, sem chegar a nenhuma mudança transformadora no sistema político.

O Congresso brasileiro já acumulou elevadíssima carga horária de debates e votações sobre os temas da reforma política. Os partidos já têm pleno conhecimento dos anseios do eleitorado e sabem, mesmo que finjam ignorar, que a péssima reputação de que desfrutavam encontra fundamento na realidade.

É preciso pragmatismo. Após longa análise jurídica realizada nos últimos anos, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) está engajada em pontos práticos e efetivos da reforma política: acabar com as coligações proporcionais, adotar a cláusula de desempenho, tipificar o crime de caixa dois e proteger os avanços obtidos nos últimos anos, como a Lei da Ficha Limpa e a proibição de doações privadas para partidos e candidatos.

Já foi atingido o limite tênue entre o necessário rito democrático e a perda de tempo e de dinheiro público. A cada reunião na Câmara e no Senado, o contribuinte banca desde o trabalho de técnicos especializados até a água e o café. Chegou a hora de todo esse investimento ser convertido em benefícios para os financiadores da democracia.



É irreversível a perda de privilégios das legendas. Por exemplo: não é aceitável que os votos dados a um político ou partido específico possam servir para eleger outra pessoa, com proposta e matriz ideológica totalmente oposta.

Isso só beneficia os caciques que usam as siglas e as eleições para costurar acordos obscuros, totalmente distantes dos propósitos republicanos e dos interesses do eleitorado. A solução é abolir as coligações em eleições proporcionais (aquelas que elegem vereadores, deputados estaduais e federais).

Outra medida urgente é a adoção de uma cláusula de desempenho. Com ela, os partidos só serão plenamente financiados pelo dinheiro público se tiverem um percentual mínimo de votos nas eleições gerais nacionais. Os que não tiverem respaldo popular terão acesso a um mínimo de dinheiro capaz de assegurar sua participação no debate político. É preciso dar um basta à fundação de partidos sem nenhuma representatividade, usados apenas para fazer negócios e prover salários a seus dirigentes.

É espantoso que o Brasil, após décadas e mais décadas de escândalos políticos, ainda não tenha uma lei que qualifique a prática do caixa dois como crime e especifique a

punição adequada àqueles que alimentaram o crime e mentiram para seus eleitores fazendo campanhas com recursos não declarados.

A inexistência dessa lei possibilita a apresentação de propostas indecentes, como a que pretende anistiar aqueles que fizeram caixa dois nos últimos anos. Para caminharmos rumo a um futuro melhor deve-se lidar e aprender com os erros.

Por fim, as reformas do sistema político dependem da permanência das mudanças positivas dos últimos anos, atacadas por aqueles com interesse em manter os vícios do atual sistema. A Lei da Ficha Limpa, que tira das disputas eleitorais candidatos com pendências graves na Justiça, dá ao eleitor uma margem maior de segurança ao escolher seus representantes.

Já o fim das doações empresariais objetiva baratear as campanhas e acabar com o controle dos grupos econômicos sobre os eleitos, que devem ser fiéis ao eleitor, não aos interesses do mercado.

**Cláudio Lamachia, especialista em direito empresarial, é presidente nacional da OAB - Ordem dos Advogados do Brasil*

Transcrito da Folha de São Paulo



“O que torna belo o deserto é que ele esconde um poço em algum lugar.”

Saint-Exupéry

TELA CHEIA, CÉREBROS VAZIOS

*Uso de smartphone pode estar nos emburrecendo,
sugerem estudos*

Reinaldo José Lopes*

O celular que acessa a internet, grava vídeos, toca música, armazena milhares de livros, conta quantas calorias você ingeriu no almoço e não sai do seu lado nem na hora de dormir está fazendo suas faculdades mentais murcharem?

Ainda é cedo para dizer com certeza, mas há indicações preocupantes de que um anúncio na linha “O Ministério da Saúde adverte: uso excessivo de smartphone emburrece” não é ficção científica.

A telefonia móvel turbinada seria, na verdade, apenas o símbolo de um problema maior –no caso, o

excesso de estimulação e exposição simultânea a múltiplas mídias que tem se tornado cada vez mais comum no último par de décadas.

Diversos estudos indicam que há uma correlação entre esses estímulos incessantes e coisas como reduzida capacidade de memória, dificuldade de filtrar informações irrelevantes, problemas de impulsividade e falta de empatia.

Ainda não está claro se a avalanche de mídias eletrônicas está causando esses problemas ou apenas os potencializa, mas os dados dispo-



níveis até agora sugerem que mais cautela no uso desses dispositivos não faria mal, em especial por parte de pessoas cujo sistema nervoso ainda está em franco desenvolvimento (ou seja, crianças e adolescentes).

MMs

Os neurocientistas e psicólogos que estudam o impacto das tecnologias sobre a mente humana têm avaliado com especial atenção os efeitos do chamado MM (sigla inglesa de “media multitasking” ou “uso multitarefa de mídias”).

O comportamento MM é, obviamente, muito facilitado pela posse de um smartphone – ouvir música e usar um aplicativo de mensagens ao mesmo tempo, por exemplo (talvez com a TV ligada ao fundo).

O grupo coordenado pelo psicólogo Anthony Wagner, da Universidade Stanford (EUA), foi um dos primeiros a analisar de forma quantitativa o desempenho cognitivo de jovens classificados como HMMs (intensos usuários multitarefa de mídias) e LMMs (usuários “leves”).

Em um dos estudos da equipe, que saiu na revista “PNAS”, havia duas tarefas simples. Em uma delas, os jovens tinham de dizer se a posição de alguns retângulos vermelhos na tela do computador tinha mudado – e, ao mesmo tempo, não prestar atenção nos retângulos azuis que também apareciam na tela.

Os ‘usuários intensos’, que poderíamos comparar a viciados em smartphone, saíram-se significativamente pior. No caso das letras e nú-

meros, o curioso é que eles tinham mais dificuldade de alternar entre os dois tipos de estímulo, embora supostamente estivessem mais habituados a lidar com dois tipos de informação ao mesmo tempo.

Em outra pesquisa de Wagner, desta vez no periódico “Psychonomic Bulletin & Review”, os pobres ‘usuários intensos’ também mostraram ter desempenho pior na chamada memória de trabalho (a que as pessoas usam para guardar por alguns instantes um número de telefone antes de discá-lo, por exemplo) – e, o que é mais preocupante, esse efeito parece se refletir na memória de longo prazo.

No que diz respeito à memória, resultados parecidos foram obtidos por Betsy Sparrow e colegas da Universidade Columbia (EUA) em artigo na revista “Science”.

Os pesquisadores chegaram a usar o termo “efeito Google” porque as pessoas tinham mais dificuldade para recordar informações quando sabiam que elas estavam salvas no computador no qual participavam do estudo.

Os efeitos citados acima já poderiam ser considerados ruins se tivessem apenas relação com o aprendizado, mas outros estudos mostram ainda que o MM mexe com coisas como o controle da impulsividade, das frustrações e das relações sociais.

Adolescentes do Canadá viciados em trocar mensagens, por exemplo, são mais propensos a mostrar preconceito em relação a pessoas que não fazem parte de seu grupo social

ou étnico e a valorizarem dinheiro e aparência física.

DILEMA DE TOSTINES

Segundo Wagner, é preciso reconhecer que há um certo “dilema de Tostines” nesses dados. Pode ser que as pessoas que naturalmente já são mais dispersas e com baixo controle de impulsividade sejam atraídas naturalmente para o uso excessivo de mídias eletrônicas, e não que cérebros serenos estejam sendo destruídos pelos aparelhos.

“Acho o tópico fascinante, porque estamos entrando numa outra fase da evolução”, analisa o neurocientista Sidarta Ribeiro, do Instituto do Cérebro da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte). “Já somos ciborgues, estamos terceirizando memórias de trabalho, cálculos, gramática etc.”

Um impacto possível dessa explosão a longo prazo seria a dimi-

nuição da criatividade humana, uma vez que o ócio cerebral –o descanso sem estímulos significativos – ajudaria a criar conexões entre temas díspares e a ter ideias inovadoras. Ribeiro é menos pessimista.

“Essa questão é uma faca de dois gumes. O computador e a internet aumentam imensamente o poder de criar, embora possam matar o devaneio do ócio. A variância está aumentando –vejo um futuro com mais gênios e mais idiotas. Depende do modo de usar a tecnologia.”

** Reinaldo José Lopes é formado em jornalismo pela USP, tem mestrado e cursa doutorado em língua e literatura inglesa na mesma universidade, estudando a obra de J.R.R. Tolkien. Foi editor-assistente da revista “Scientific American Brasil” e repórter e colunista do portal “G1”. É autor do livro “Além de Darwin”, sobre as descobertas mais recentes ligadas à teoria da evolução.*

Transcrito da Folha de São Paulo



“O segredo da eterna juventude da alma é ter uma causa a que dedicar a vida”

Hélder Câmara

“O ser humano morre uma primeira vez na idade em que perde o entusiasmo.”

Balzac





Estas são internas e externas, e os seus vínculos são os mais diversos e danosos – desviam a pessoa do seu “alvo”, umas nascem das nossas expectativas que são altas em relação a nós mesmos, outras vem “mascaradas” em diversas formas através do “meio” em que faço parte.

Viver diante de tudo isso na busca de equilíbrio e/ou na busca constante do fortalecimento de uma identidade pessoal, que possa ser primeiro aceita como verdadeira por mim e tendo a capacidade de chegar ao outro com leveza, ternura e compaixão, sejam estes capazes de modificar o meio e transformar a humanidade que habita em mim e no meu entorno.

Não creio que exista uma receita pronta, pois o “ser” único vive em cada pessoa, vive em sintonia com o seu momento que também não é igual ao do outro, por vezes se assemelha aos de muitos, mas, em você é ímpar. Ações, técnicas, ferramentas “poderosas” podem funcionar maravilhosamente em uma pessoa e não fazer o maior efeito para o outro, assim, o que fazer para encontrar o “tao” chamando equilíbrio e

seus opostos complementares?

Conectar-se com sua essência talvez seja um bom caminho, entender o ser que habita em ti e como atender às necessidades primordiais da vida, sua e do outro, tendo um olhar criterioso e afetuoso criando laços afetivos para o estreitamento das relações e a manifestação do comportamento humano na busca incessante de construir abraços duradouros para sustentar uma interação fraterna como outro.

Há em cada pessoa uma “centelha divina” de vida que se manifesta por sua inteireza, e por sua bondade imparcial e necessidade de vida atrai, impregna o outro e fortalece a humanidade. A sua centelha divina é luz para o mundo, é energia para o universo e porto seguro para o outro que busca em ti o melhor. Quando o melhor de duas pessoas se encontram, transcende-se em graça, paz, luz e prosperidade e não haverá pressão, mais compreensão e amor pleno.

Paz e bem!!!

Rubens Carvalho
Coordenador Nacional

Programa Nacional de Formação à Distância



Contribuição do Secretariado
Estadual de Minas Gerais

Continuando o programa, estamos encaminhando o texto abaixo abordando o item 3.2 da programação.

Nossa preocupação é que os textos que estão sendo propostos para estudo e reflexão, tanto nas equipes-base quanto em eventos locais de formação, sejam compreendidos por todos.

SE VOCÊ, SUA EQUIPE-BASE OU COORDENAÇÃO ESTÁ ENCONTRANDO ALGUMA DIFICULDADE EM TRABALHAR OS REFERIDOS TEXTOS, POR FAVOR, ENTRE EM CONTATO CONOSCO ATRAVÉS DO E-MAIL ABAIXO PARA QUE POSSAMOS, DE ALGUMA FORMA, AUXILIÁ-LOS NA SUA INTERPRETAÇÃO.

Desejamos a todos o melhor proveito possível, e não se esqueçam: ficamos no aguardo de um retorno pelo endereço eletrônico abaixo. Não guarde somente para si suas conclusões. Vamos exercer a PARTILHA.

mfc.livraria@gmail.com

BLOCO TEMÁTICO 3

2º MÓDULO

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS POR MEIO DO AMOR HUMANO

... "Vós todos que fostes batizados em Cristo fostes revestidos de Cristo" (Gal. 3:27). e "se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. Acabaram-se as coisas velhas, eis que estão presentes as coisas novas" (2 Cor. 5:17).

1 – Acolhida

- Neste encontro da equipe o(s) anfitrião(ões) prepara(m) o ambiente para a reflexão colocando sobre a mesa uma Bíblia, coordenando a

leitura alternando trechos entre os participantes.

- Escolher previamente uma música ou uma poesia, para iniciar a reflexão, que fale do relacionamen-



to amoroso entre as pessoas e/ou dessas com Deus.

2 – As Alianças de Deus com o ser Humano. (leituras bíblicas recomendadas para melhor compreensão)

Deus, desde sempre, propôs alianças com o homem, como podemos constatar na bíblia.

- Aliança com o homem no seu estado de inocência, também chamada de aliança edênica (Gn 1, 26-28);

- Aliança com o homem após a sua queda, também chamada de aliança adâmica (Gn 3, 14-19);

- Aliança com Noé, aliança noaica (Gn 7, 18-22);

- Aliança com Abraão, aliança abraâmica (Gn 12, 1-4; 13, 14-17; 15, 18; 17, 1-2);

- Aliança com Isaac (Gn 17, 19-21; 26, 3-4);

- Aliança com Jacó (Gn 28, 13-15);

- Aliança com Israel (Gn 6, 5; 19, 5-6);

- Aliança com Moisés, aliança mosaica (Ex 20, 1-17, 21-24);

- Aliança com Davi, aliança davídica (2Sm 7, 1-7);

- Aliança com Salomão (1Rs 9, 1-9);

- Nova aliança selada no Sangue do Cordeiro, Nosso Senhor Jesus Cristo (Mt 26, 28; Mc 14, 24; Lc 22, 20; Hb 8, 6-13; 9, 1-28).

Mas chegou um tempo em que Ele quis celebrar uma “NOVA ALIANÇA”, e para isto enviou o seu Filho que selou esta aliança mostrando o quanto Deus nos ama e nos conhece.

Vamos fazer a leitura da carta de São Paulo aos Hebreus Hb 8, 6-13

3- Reflexão

A intimidade é algo que depende das duas partes... Não basta somente Deus buscar ser íntimo do homem, o homem também tem que buscar intimidade com Deus. Mas, COMO TER ESSA INTIMIDADE?

Se conhecemos uma pessoa

não contamos a ela toda a nossa vida, todos os nossos sonhos, ou os nossos segredos mais profundos no primeiro encontro. Por quê? Porque ainda não somos íntimos com ela, mas se passar algum tempo, chegará uma hora em que teremos confiança um no outro para lhe contar tudo o que se passa em nosso interior... Podemos então afirmar que a intimidade vem com a convivência. Nós não podemos ser íntimos de uma pessoa com a qual conversamos raramente e/ou que sempre temos uma conversa superficial.

Com Deus funciona da mesma forma. Como podemos dizer que somos íntimos de Deus se mal falamos com ele, quando falamos são coisas superficiais... ou seja, pequenos momentos de orações diárias que todo mundo faz ao acordar, rapidamente, na hora das refeições para abençoar a mesa e na hora de dormir já com bastante sono. Acho que tempos curtos de oração não nos fazem uma pessoa íntima de Deus, pois com um amigo íntimo passamos horas contando a ele tudo que se passa dentro de nós e ouvindo o que se passa no coração dEle.

A equipe converse sobre os seguintes questionamentos:

O QUE EU FIZ PARA CONHECER DEUS?

COMO PODEMOS CONHECÊ-LO?

Continuando a reflexão...

Deus desde o princípio da criação tem buscado uma intimidade com o homem e isto é uma realidade única encontrada quando con-

templando o universo na perspectiva da história da salvação, somos levados a descobrir a posição única e singular que ocupa o homem na criação: «Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher» (Gn 1, 27). Ele quer que passemos um tempo diário com Ele, como Adão passava antes de sua queda. Ele quer que contemos a ele os nossos desejos, sonhos e segredos mais profundos.

Você pode estar se perguntando: será que Ele já não sabe disso tudo? Claro que sim. Ele sabe, mas Ele tem prazer em nos ouvir e falar conosco, porque da mesma forma que quer ouvir os nossos segredos, Ele quer ter a oportunidade de compartilhar conosco os sonhos, os planos, e os desejos mais profundos do coração dEle. Por isso Ele nos enviou o seu Filho amado, para nos ensinar como falar com Ele e como nos aprofundar no amor, fazendo a transformação do amor humano num amor divino, sagrado.

Se você quer conhecer os planos de Deus para a sua vida... então seja íntimo dEle!

SERÁ QUE TEMOS SIDO ÍNTIMOS DE DEUS? QUAL A INTENSIDADE DESSA INTIMIDADE?

4 – Em que situação podemos ver com clareza o Amor Humano como manifestação do amor de Deus?

Amar significa amar o que é difícil de ser amado, do contrário não seria virtude alguma; perdoar significa perdoar o imperdoável, do

contrário não seria virtude alguma; fé significa crer no inacreditável, do contrário não seria virtude alguma. E esperar significa esperar quando já não há esperança, do contrário não seria virtude alguma. (Gilbert Keith Chesterton)

O amor humano é algo fascinante. É símbolo do amor de Deus e, por sua vez, o amor de Deus é modelo para todo amor humano.

Dentre os amores humanos, o mais irresistível e fantástico é o de um casal. Tanto é, que Deus usa deste amor para falar do seu amor para conosco. O amor de um casal nasce como nasceu o amor de Deus pelo homem. Somos tomados por um afeto inesperado com relação ao(a) outro(a). Somos como que roubados pelo(a) outro(a), e tudo só passa a ter sentido se o(a) outro(a) estiver junto. No começo é um desconhecido que se torna hóspede e de hóspede passa a ser dono da casa. É o amor mais forte do que a morte!

Este amor dá sentido à nossa história. O ser humano é chamado à existência e, pelo amor, à

coexistência, na doação de si. É isto que dá sentido à vida.

O Sacramento do matrimônio é uma expressão clara e verdadeira da comunhão de Deus com o ser humano e é por isso que envolve uma relação mútua altruísta como o amor de Deus que é confirmada num para sempre e festejada por todos. (Pe. Rinaldo Roberto de Rezende)

O compromisso é selado por um Deus que conhece as fraquezas do

humano e o socorre com sua graça. O amor é para sempre ou não é amor. Não é possível alguém dizer “eu te amo até daqui a pouco”.

Amor não tem prazo de validade, se apresenta algum prazo, repito não é amor, vai ser apenas um compromisso momentâneo pra realizar a satisfação de um ou de outro.

O saudoso João Paulo II dizia: “O futuro da humanidade passa pela família e por sua adequada preparação”.

Num mundo marcadamente individualista e egoísta, o casal é o caminho do humano e o caminho do humano é a comunhão e comunhão é manifestação do amor de Deus.

Bento XVI diz “Viver no amor é viver na verdade do que é o ser humano feito à imagem e semelhança de Deus e chamado à comunhão com Deus. É viver divinamente. Muito além do que podemos pensar ou desejar, o amor é Deus”. (Inspirado em textos Pe. Rinaldo Roberto de Rezende, João Paulo II e Bento XVI)

Para reflexão do grupo

- Para amar devo exigir que quem vive ao meu lado seja do jeito que eu gostaria que fosse?

- Por que não me convenço de que partilhar é menos pesado do que carregar sozinho, sozinha, os pesos, as preocupações, os maus momentos da vida?

5 – ORAÇÃO FINAL

Manifestações individuais dos participantes sobre o que o texto, ou parte(s) dele, tenha(m) tocado mais profundamente.

*Oh Senhor que nos conduz, que nos protege e nos defende!
Estamos aqui confiantes que podemos de alguma sorte, seme-
ar amor e fraternidade na certeza de tudo começar na família!*

*Assim sendo, conduza nossa reunião e nossas intenções ao
melhor caminho. Proteja todos os membros desse grupo e lancei
um olhar generoso aos nossos filhos e pais.*

*Defenda-nos de todos os males do corpo e da alma, ciladas do
mal e nos guie à paz.*

*Por fim, agradecemos por nossa família, pelo mistério da vida,
pela ciência e consciência e principalmente pelas inúmeras gra-
ças que nos tem concedido.*

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém

Esther Carneiro

Equipe Base Jesus é Luz - Linhares - ES

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 18:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.